

## NOTÍCIA DA ATUAL LITERATURA BRASILEIRA\*

INSTINTO DE NACIONALIDADE<sup>1</sup>

Quem examina a atual literatura brasileira<sup>2</sup> reconhece-lhe logo, como primeiro traço, certo instinto de nacionalidade. Poesia,<sup>3</sup> romance, todas as formas literárias do pensamento buscam vestir-se com as cores do país, e não há negar<sup>4</sup> que semelhante preocupação é sintoma de vitalidade e abono de futuro. As tradições de GONÇALVES DIAS, PORTO-ALEGRE e MAGALHÃES<sup>5</sup> são assim continuadas pela geração já feita e pela

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: NM (v. III, n. 30, p. 107-108, 24 mar. 1873), REF (ano V, n. 203, p. 2-3, 5 set. 1873), NM (v. IX, n. 100, p. 90-91, abr. 1879), SEM (ano III, v. III, p. 298-299, 17 set. 1887; e ano III, v. III, p. 310, 24 set. 1887), CMA (p. 7-28), CLJ1937 (p. 125-146), CLJ1953 (p. 129-149), OCA1959 (v. III, p. 815-822), CCPT1964 (p. 93-107), OCA1994 (v. III, p. 801-809), OCA2008 (p. 1203-1211) e MASA (p. 429-441). Texto-base: NM (1873). A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editores: Gilson Santos, Ivan Marcos Ribeiro e José Américo Miranda.

<sup>1</sup> Em SEM, este ensaio vem numa seção intitulada “Páginas esquecidas” – precedido da seguinte justificativa: “De vez em quando é bom e é, sobretudo, útil lançar uma vista retrospectiva ao nosso passado literário e artístico, porque só assim poderemos avaliar o progresso que tenhamos feito e julgar com acerto do grau de adiantamento, do real valor das nossas letras e das nossas artes no atual momento. / Melhor é isso ainda quando se pode fazer ouvir, hoje, uma voz autorizada que tenha julgado o Brasil literário de há 15 ou 20 anos, porque então os documentos pelos quais devemos julgar o atual serão isentos de suspeição. / Ora, nenhuma voz mais autorizada que a de Machado de Assis, que não é o chefe da literatura brasileira atual, porque a literatura de um país não tem chefe; pode ter mestres, sumidades, diretores do seu movimento, orientadores do seu espírito: – chefes não. / Machado de Assis é uma sumidade, um mestre. / Pareceu-nos que seria curioso desempoeirar do esquecimento, exhibir à luz do momento atual o que ele escreveu há 14 anos sobre a literatura brasileira. / Por isso encetamos em seguida a publicação de um notável estudo dado à estampa n’*O Novo Mundo*, número de 24 de Março de 1873, pelo eminente escritor das *Memórias póstumas de Brás Cubas*.” Na primeira ocorrência, a palavra “voz”, que italicizamos, vem grafada “vez”. Em CMA, o título original foi abreviado para “LITERATURA BRASILEIRA”, e o subtítulo recebeu tratamento gráfico que o realçou por negrito e caixa alta: “**INSTINTO DE NACIONALIDADE**”.

<sup>2</sup> literatura brasileira] Literatura Brasileira – em CCPT1964.

<sup>3</sup> Poesia,] Poesia – em REF.

<sup>4</sup> não há negar] não há como negar – em OCA2008.

<sup>5</sup> GONÇALVES DIAS, PORTO-ALEGRE e MAGALHÃES] Gonçalves Dias Porto-Alegre e Magalhães – em REF; GONÇALVES DIAS, PORTO-ALEGRE, e MAGALHÃES – em SEM. Grafamos “Porto-Alegre” com hífen, conforme está no site da Academia Brasileira de Letras, página do patrono da cadeira 32. (Cf. <<https://www.academia.org.br/academicos/araujo-porto-alegre>>)

que ainda agora madrega, como aqueles continuaram as de JOSÉ BASÍLIO DA GAMA e SANTA RITA DURÃO. Escusado é dizer a vantagem deste universal acordo. Interrogando a vida brasileira e a natureza americana,<sup>6</sup> prosadores e poetas acharão ali farto manancial de inspiração e irão dando fisionomia própria ao pensamento nacional. Esta outra independência não tem Sete de Setembro<sup>7</sup> nem campo de Ipiranga; não se fará num dia, mas pausadamente,<sup>8</sup> para sair mais duradoura; não será obra de uma geração nem duas; muitas trabalharão para ela até perfazê-la de todo.<sup>9</sup>

Sente-se aquele instinto até nas manifestações da opinião, aliás mal formada<sup>10</sup> ainda, restrita em extremo, pouco solícita, e ainda menos apaixonada nestas<sup>11</sup> questões de poesia e literatura.<sup>12</sup> Há nela um instinto que leva a aplaudir principalmente as obras que trazem os toques nacionais. A juventude literária, sobretudo, faz deste ponto uma questão de legítimo amor-próprio. Nem toda ela terá meditado os poemas de URUGUAI e CARAMURU<sup>13</sup> com aquela atenção que tais obras estão pedindo; mas os nomes de BASÍLIO DA GAMA<sup>14</sup> e DURÃO são citados e amados, como precursores da poesia brasileira. A razão é que eles buscaram em roda de si os elementos de uma poesia nova,

<sup>6</sup> a vida brasileira e a natureza americana,] a vida brasileira americana, – em NM (1879).

<sup>7</sup> Sete de Setembro] sete de setembro – em REF; sete de Setembro – em CMA, em CLJ1937 e em CLJ1953.

<sup>8</sup> pausadamente,] pausadamente. – em NM (1873).

<sup>9</sup> Machado de Assis, quinze anos antes, expressara esta mesma ideia em “Passado, presente e futuro da literatura”: “Para esta [a literatura] não há gritos do Ipiranga; as modificações operam-se vagarosamente; e não se chega em um só momento a um resultado.” (ASSIS, 2013, p. 64)

<sup>10</sup> mal formada] malformada – em MASA. O *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* registra o adjetivo “malformado”; entretanto, entendemos que o adjetivo só se aplica a objetos plenamente constituídos – neste caso, o processo de formação da opinião não está concluído (o que é reforçado pelo “ainda”), donde ser “mal” um advérbio que modifica o adjetivo “formado” (distinguindo-se claramente de “malformado”). Há uma nuance semântica (a do inacabamento do processo) que se apagaria com a caracterização da opinião como “malformada”.

<sup>11</sup> nestas] nessas – em MASA.

<sup>12</sup> poesia e literatura.] Poesia e Literatura. – em CCPT1964.

<sup>13</sup> URUGUAI e CARAMURU] “Uruguai” e “Caramuru” – em OCA2008; *Uruguai* e *Caramuru* – em CLJ1953 e em CCPT1964; *Uruguai* e *Caramuru* – em MASA. Durante algum tempo o poema de Basílio da Gama foi referido na imprensa com o título de “O Uruguai”: a *Marmota Fluminense* e a *Marmota*, periódicos de Paula Brito, anunciavam o volume publicado em 1855 (com o título *O Uruguai*) pela editora Dous de Dezembro, de propriedade do mesmo Paula Brito, como “O Uruguai”. Houve até edições com o título trocado para *O Uruguai*, como as de 1895 (precedida por um estudo crítico de Francisco Pacheco), a de 1900 (com anotações de J. Artur Montenegro), e a de 1920? (nas *Obras poéticas* de Basílio da Gama, organizadas inicialmente por Joaquim Norberto de Sousa Silva, com organização concluída e publicação por José Veríssimo). A edição da tradução inglesa do poema, por Richard Burton (1821-1890), publicada em 1983, com o fac-símile da primeira edição (1769), traz o título *The Uruguai* (Cf. TEIXEIRA, 1996, p. 123-168). O uso era mesmo bastante generalizado, conforme se vê, também, nos seguintes exemplos: na biografia de Basílio da Gama publicada no primeiro volume da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*, em 1839; no índice (mas não na página em que aparecem trechos do poema) do *Parnaso brasileiro* (t. I, 1843), de João Manuel Pereira da Silva; na *História da literatura brasileira* (v. I, 1888), de Sílvio Romero; no *Dicionário bibliográfico brasileiro* (v. IV, 1898), de Sacramento Blake.

<sup>14</sup> BASÍLIO DA GAMA] BASÍLIO DE GAMA – em NM (1879).

e deram os primeiros traços de nossa fisionomia literária, enquanto que<sup>15</sup> outros, GONZAGA por exemplo, respirando aliás os ares da pátria,<sup>16</sup> não souberam desligar-se das faixas da Arcádia nem dos preceitos do tempo. Admira-se-lhes o talento, mas não se lhes perdoa o cajado e a pastora, e nisto há mais erro que acerto.

Dado que as condições deste escrito o permitissem, não tomaria eu sobre mim a defesa do mau gosto dos poetas arcádicos nem o fatal estrago que essa escola produziu nas literaturas portuguesa e brasileira.<sup>17</sup> Não me parece, todavia, justa a censura aos nossos poetas coloniais, iscados daquele mal; nem igualmente justa a de não haverem trabalhado para a independência literária, quando a independência política jazia ainda no ventre do futuro, e<sup>18</sup> mais que tudo, quando entre a metrópole e a colônia criara a história<sup>19</sup> a homogeneidade<sup>20</sup> das tradições, dos costumes e da educação. As mesmas obras de BASÍLIO DA GAMA e DURÃO quiseram antes ostentar certa cor local do que tornar independente a literatura brasileira,<sup>21</sup> literatura que não existia<sup>22</sup> ainda, que mal poderá ir alvorecendo agora.

Reconhecido o instinto de nacionalidade que se manifesta nas obras destes<sup>23</sup> últimos tempos, conviria examinar se possuímos todas as condições e motivos históricos de uma nacionalidade<sup>24</sup> literária; esta investigação, (ponto de divergência

---

<sup>15</sup> enquanto que] enquanto – em MASA. Domingos Paschoal Cegalla, em seu *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa* (1999, p. 141), diz que o termo “enquanto” une orações que expressam (a) fatos simultâneos e (b) fatos opostos. No segundo caso, a fim de ressaltar o contraste entre dois fatos, pode-se usar, em lugar de “enquanto”, a locução “enquanto que”, equivalente a “ao passo que”, como, por exemplo: “Uns trabalham enquanto que outros se divertem.” Cândido Jucá Filho, no *Dicionário escolar das dificuldades da língua portuguesa* (1986, p. 293) diz que “enquanto” equivale à expressão “enquanto que”, atestando a construção com abonações colhidas em Camilo Castelo Branco e José de Alencar. Laudelino Freire (1921, p. 170), em nota ao capítulo “O delírio”, de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, escreveu: “Esta locução [enquanto que] tem sido inquinada de espúria, malsinada de francesismo. Heráclito Graça, porém, reputa-a de tão elevado quilate português como qualquer outra semelhante; e aqui está o esmeradíssimo autor do *Quincas Borba*, escritor exemplar, que a consagra expressão castiça.”

<sup>16</sup> Nessa passagem, Machado de Assis dá a entender que a pátria de Tomás Antônio Gonzaga era o Brasil. Por muito tempo acreditou-se nisso. Entretanto, àquela altura (1873), já se sabia que Gonzaga nascera em Portugal. Em 1850, com base nas informações que surgiram com o “aparecimento dos papéis de justificação de solteiro, feita por Gonzaga, quando quis casar-se em Moçambique”, Francisco Adolfo de Varnhagen publicou na *Revista Trimensal de História e Geografia ou Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, um aditamento (à biografia de Gonzaga que ele publicara no mesmo periódico em 1849) em que noticiava a descoberta de que o poeta tinha nascido no Porto. Num segundo aditamento, publicado em 1867, Varnhagen dá notícia da descoberta da certidão de batismo do poeta. (Ver VARNHAGEN, 1849, p. 120; VARNHAGEN, 1850, p. 405 e VARNHAGEN, 1867, p. 425)

<sup>17</sup> literaturas portuguesa e brasileira.] Literaturas Portuguesa e Brasileira. – em CCPT1964.

<sup>18</sup> futuro, e] futuro, e, – em CLJ1937 e em MASA.

<sup>19</sup> história] História – em CCPT1964.

<sup>20</sup> a homogeneidade] homogeneidade – em REF.

<sup>21</sup> literatura brasileira.] Literatura Brasileira, – em CCPT1964.

<sup>22</sup> existia] existe – em REF, em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

<sup>23</sup> destes] desses – em MASA.

<sup>24</sup> nacionalidade] nacionalidade – em SEM.

entre literatos)<sup>25</sup> além de superior às minhas forças, daria em resultado levar-me longe<sup>26</sup> dos limites deste escrito. Meu principal objeto é atestar o facto atual; ora, o facto<sup>27</sup> é o instinto de que falei, o geral desejo de criar uma literatura mais independente.

A aparição de GONÇALVES DIAS chamou a atenção das musas brasileiras para a história e os costumes indianos. Os *Timbiras*,<sup>28</sup> *I-Juca-Pirama*,<sup>29</sup> *Tabira*<sup>30</sup> e outros poemas do egrégio poeta acenderam as imaginações; a vida das tribos, vencidas há muito pela civilização, foi estudada nas memórias que nos deixaram os cronistas, e interrogadas dos poetas, tirando-lhes todos alguma coisa,<sup>31</sup> qual um idílio, qual um canto épico.

Houve depois uma espécie de reação. Entrou a prevalecer a opinião de que não estava toda a poesia nos costumes semibárbaros anteriores à nossa civilização, o que era verdade,<sup>32</sup> – e não tardou o conceito de que nada tinha a poesia com a existência da raça extinta, tão diferente da raça triunfante,<sup>33</sup> – o que parece um erro.

É certo que a civilização brasileira não está ligada ao elemento indiano, nem dele recebeu influxo<sup>34</sup> algum; e isto<sup>35</sup> basta para não ir buscar entre as tribos vencidas os

---

<sup>25</sup> investigação, (ponto de divergência entre literatos)] investigação (ponto de divergência entre literatos) – em CLJ1937; investigação (ponto de divergência entre literatos), – em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA. A polêmica em torno da questão da nacionalidade da literatura brasileira teve início em 1843, com o artigo “Da nacionalidade da literatura brasileira”, publicado na *Minerva Brasiliense* por Santiago Nunes Ribeiro (1843, p. 7-23). A sequência dos debates publicados na imprensa foi estudada por Afrânio Coutinho em *A tradição afortunada*. Segundo esse autor, a polêmica foi encerrada justamente com a publicação deste ensaio de Machado de Assis: “Esse ‘sentimento íntimo’ [mencionado por Machado neste texto] não há dúvida que constitui a essência da nacionalidade literária.” (COUTINHO, 1968, p. 7) O “sentimento íntimo”, tal como aqui definido, foi a pá de cal na polêmica que se vinha desenvolvendo ao longo do século.

<sup>26</sup> levar-me longe] levar-me em longe – em NM (1879).

<sup>27</sup> facto atual; ora, o facto] facto atual, ora o facto – em REF; fato atual, ora o fato – em CMA e em CLJ1953; fato atual; ora, o fato – em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008; fato atual: ora, o fato – em MASA.

<sup>28</sup> Os *Timbiras*,] *Os Timbiras*, – em OCA1959, em CCPT1964 e em OCA1994; “Os Timbiras”, – em OCA2008; *Os timbiras*, – em MASA.

<sup>29</sup> *I-Juca-Pirama*,] *i-Juca-Pirama*, – em CMA; “I-Juca Pirama”, – em OCA2008; “I-Juca-Pirama”, – em MASA. Grafamos o título do poema conforme as melhores edições: grafado “Y-JUCA-PYRAMA” na primeira edição (*Últimos cantos*, 1851 – “Y-juca-pyrama” no índice), vem, sistematicamente, desde pelo menos a edição de Manuel Bandeira de 1944, grafado “I-Juca-Pirama”. Em nota ao título do poema, na primeira edição, escreveu Gonçalves Dias (1851, p. 291): “O título desta poesia, traduzido literalmente da língua tupi, vale tanto como se em português disséssemos – o que há de ser morto.” Esta nota foi assim transcrita por Manuel Bandeira (1944, t. 2, p. 35): “O título desta poesia, traduzido literalmente da língua tupi, vale tanto como se em português disséssemos ‘o que há de ser morto, e que é digno de ser morto.’” As palavras finais da nota de Manuel Bandeira talvez tenham sua origem no *Dicionário da língua tupi* (1858, p. 152), em que se lê (no verbete): “PYRÁMA, nota do supino passivo. *Y-juca-pyrama*, para se matar; cousa que há de ser morta e que é digna de ser morta.” Talvez a melhor grafia fosse “Y-juca-pyrama”.

<sup>30</sup> *Tabira*] “Tabira” – em OCA2008 e em MASA.

<sup>31</sup> cousa,] coisa, – em CLJ1953, em OCA1959, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

<sup>32</sup> verdade,] verdade – em OCA2008 e em MASA.

<sup>33</sup> triunfante,] triunfante – em SEM, em CLJ1937 e em OCA2008; triunfante –, (com o travessão antes da vírgula) – em MASA.

<sup>34</sup> influxo] iufluxo – em SEM.

<sup>35</sup> isto] isso – em MASA.

títulos da nossa personalidade literária. Mas<sup>36</sup> se isto é verdade, não é menos certo que tudo é matéria de poesia, uma vez que traga as<sup>37</sup> condições do belo ou os elementos de que ele se compõe. Os que, como o Sr. VARNHAGEN,<sup>38</sup> negam tudo aos primeiros povos deste país, esses podem logicamente excluí-los da poesia contemporânea. Parece-me, entretanto, que,<sup>39</sup> depois das memórias que a este respeito escreveram os Srs. MAGALHÃES e GONÇALVES DIAS,<sup>40</sup> não é lícito arredar o elemento indiano da nossa aplicação intelectual. Erro seria constituí-lo um exclusivo patrimônio da literatura brasileira;<sup>41</sup> erro igual fora certamente a sua absoluta exclusão. As tribos indígenas, cujos usos e costumes JOÃO FRANCISCO LISBOA<sup>42</sup> cotejava com o livro de TÁCITO<sup>43</sup> e os achava tão semelhantes aos dos antigos Germanos,<sup>44</sup> desapareceram, é certo, da região que por tanto tempo fora sua; mas a raça minadora<sup>45</sup> que as frequentou,<sup>46</sup> colheu

<sup>36</sup> Mas] Mas, – em CLJ1937.

<sup>37</sup> as] ao – em CMA.

<sup>38</sup> SR. VARNHAGEN,] sr. Varnhagen, – em OCA2008. Francisco Adolfo de Varnhagen (Sorocaba, 1816 – Viena, 1878), diplomata e historiador, tinha opiniões negativas sobre os índios – sobre isso, ver *Os índios bravos e o senhor Visconde: os indígenas brasileiros na obra de Francisco Adolfo de Varnhagen* (2000), de Laura Nogueira Oliveira.

<sup>39</sup> que,] que – em SEM.

<sup>40</sup> Srs. MAGALHÃES e GONÇALVES DIAS,] srs. Magalhães e Gonçalves Dias, – em OCA2008. As memórias a que Machado de Assis se refere são as seguintes: “Os indígenas do Brasil perante a História”, memória oferecida por Gonçalves de Magalhães ao Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, publicada no tomo XXIII da *Revista Trimensal do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil* em 1860 (primeiro trimestre, p. 3-66), e, depois, incluída no volume *Opúsculos históricos e literários*, tomo VIII da obra do autor, em 1865 (p. 157-237); “Brasil e Oceania”, memória apresentada ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e lida na augusta presença de Sua Majestade Imperial, por A. Gonçalves Dias, publicada na parte segunda do tomo XXX da *Revista Trimensal do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil*, em 1867 (p. 5-192 – terceiro trimestre, e p. 267-396 – quarto trimestre), e, depois, publicada como v. VI das “Obras póstumas” do autor, em 1869 – esta memória, segundo declaração do próprio Gonçalves Dias, no “Prefácio” do seu *Dicionário da língua tupi*, chamada língua geral dos indígenas do Brasil (1858), lhe foi encomendada pelo Instituto. Gonçalves Dias morreu em 1864. Josué Montello (1942, p. 79) informa que a memória “Brasil e Oceania” havia sido escrita em 1850; e Manuel Bandeira (1959, p. 27), que foi lida em nove sessões consecutivas do Instituto, de 20 de agosto de 1852 a junho de 1853.

<sup>41</sup> literatura brasileira,] Literatura Brasileira; – em CCPT1964.

<sup>42</sup> João Francisco Lisboa (Pirapemas, MA, 1812 – Lisboa, 1863), jornalista e historiador, tratou deste tema no Livro V (“Índios”) dos “Apontamentos, notícias e observações para servirem à História do Maranhão” (*Jornal de Timon*, Maranhão, Tipografia Const. de I. J. Ferreira, p. 271, 1853). (Cf. <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=224588&pesq=tacito&pagfis=584>>) Essa obra teve outra edição, após a morte do autor, no segundo volume das *Obras de João Francisco Lisboa*, natural do Maranhão, precedidas de uma notícia biográfica pelo Dr. Antônio Henriques Leal. (São Luís do Maranhão, 1864 – v. I, e 1865, v. II, v. III, v. IV.)

<sup>43</sup> TÁCITO] TÁCITO, – em NM (1879).

<sup>44</sup> Germanos,] germanos, – em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

<sup>45</sup> minadora] dominadora – em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA. Minador/minadora é palavra que existe na língua portuguesa, e, como provincianismo beirão, significa aquele que mina. Além disso, -dor é elemento (sufixo) que forma o nome de agentes da ação de numerosíssimos verbos da língua portuguesa. O verbo “minar”, por sua vez, pode significar “invadir às ocultas, solapar, atormentar, roubar”, ou, ainda, “alastrar, espalhar-se, consumir, corroer”. (Ver SILVA, 1954, v. 6, p. 807) Com esse conjunto de informações, é possível admitir que a palavra “minadora” seja a correta, no contexto em que se apresenta. O emprego da palavra “minador” por Machado de Assis tem ressonância ideológica: expressa a perspectiva do indígena – ao passo que “dominador” estaria vinculado ao ponto de vista do colonizador.

<sup>46</sup> frequentou,] frequentou – em CLJ1937 e em OCA1994.

informações preciosas e no-las transmitiu como verdadeiros elementos poéticos. A piedade, a minguaem outros argumentos de maior valia, devera ao menos inclinar a imaginação dos poetas para os povos que primeiro beberam os ares destas regiões, consorciando<sup>47</sup> na literatura os que a fatalidade da história<sup>48</sup> divorciou.

Esta é hoje a opinião triunfante. Ou já nos costumes puramente indianos, tais quais<sup>49</sup> os vemos nos *Timbiras*,<sup>50</sup> de GONÇALVES DIAS, ou já na luta do elemento bárbaro com o civilizado, tem a imaginação literária do nosso tempo ido buscar alguns quadros de singular efeito, dos quais citarei, por exemplo, a *Iracema*, do Sr. J. DE ALENCAR,<sup>51</sup> uma das primeiras obras desse fecundo e brilhante escritor.

Compreendendo que não está na vida indiana todo o patrimônio da literatura brasileira,<sup>52</sup> mas apenas um legado, tão brasileiro como universal, não se limitam os nossos escritores a essa só fonte de inspiração. Os costumes civilizados, ou já do tempo colonial, ou já do tempo de hoje, igualmente oferecem à imaginação boa e larga matéria de estudo.<sup>53</sup> Não menos que eles, os convida a natureza americana, cuja magnificência e esplendor,<sup>54</sup> naturalmente<sup>55</sup> desafiam a poetas e prosadores. O romance sobretudo<sup>56</sup> apoderou-se de todos esses<sup>57</sup> elementos de invenção,<sup>58</sup> a que devemos,<sup>59</sup> entre outros, os livros dos Srs.<sup>60</sup> BERNARDO GUIMARÃES, que brilhante e ingenuamente nos pinta os

<sup>47</sup> consorciando] consorciando – em SEM.

<sup>48</sup> história] História – em CCPT1964.

<sup>49</sup> quais] quas – em SEM.

<sup>50</sup> nos *Timbiras*,] n' *Os Timbiras*, – em OCA1959 e em OCA1994; n' *Os Timbiras*, – em CCPT1964; n' "Os Timbiras", – em OCA2008.

<sup>51</sup> Sr. J. de ALENCAR,] Sr. J. Alencar, – em OCA1994; sr. J. Alencar, – em OCA2008.

<sup>52</sup> literatura brasileira,] Literatura Brasileira, – em CCPT1964.

<sup>53</sup> No tempo em que escreveu este ensaio, Machado de Assis estava compondo os poemas que reuniria, em 1875, em *Americanas*. Nessa obra, justamente, misturou poemas que tratavam da vida indiana ("Potira", "Niâni", "A visão de Jaciúca", "Lua nova", "Última jornada" e "Os Orizes"), da natureza americana ("A flor do embiroçu"), dos costumes civilizados do tempo colonial ("A cristã-nova" e "Os semeadores") e dos costumes civilizados dos tempos atuais ("José Bonifácio", "A Gonçalves Dias" e "Sabina"). Nesse livro, na primeira edição, há um único poema, – a "Cantiga do rosto branco" –, traduzido de Chateaubriand, que é uma canção de índios da América do Norte. Este poema foi suprimido do livro na edição das *Poesias completas* (1901).

<sup>54</sup> esplendor,] esplendor – em NM (1879), em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

<sup>55</sup> naturalmente] naturalmente, – em MASA.

<sup>56</sup> O romance sobretudo] O romance, sobretudo, – em REF, em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964 e em OCA1994 e em OCA2008.

<sup>57</sup> esses] esse – em CLJ1937.

<sup>58</sup> O autor emprega a palavra "invenção", nesta passagem, com o sentido que ela tem na retórica clássica. Dante Tringali explica: "Invenção do latim 'inventio' se liga ao verbo 'invenire' = encontrar, descobrir, achar. Invenção é o ato de procurar e achar. [...] Num sentido amplo, generalizado, invenção se define pela coleta do material, o que quer que seja, provas ou não e que vai constituir o conteúdo de um texto." (TRINGALI, 1988, p. 62) Como se vê, "invenção", aqui, nada tem de "subjeto, romântico, moderno" – não tem o sentido de "criação", ou "ação de dar existência ao que não existe".

<sup>59</sup> devemos,] devemos; – em OCA1994 e em OCA2008.

<sup>60</sup> Srs.] srs. – em OCA2008.

costumes da região em que nasceu,<sup>61</sup> J. DE ALENCAR,<sup>62</sup> MACEDO, SÍLVIO DINARTE<sup>63</sup> (Escragnolle Taunay), FRANKLIN TÁVORA,<sup>64</sup> e alguns mais.

Devo acrescentar que neste ponto manifesta-se às vezes uma opinião, que tenho por errônea;<sup>65</sup> é a que só reconhece espírito nacional nas obras que tratam<sup>66</sup> de assunto local, doutrina<sup>67</sup> que, a ser exata, limitaria muito os cabedais da nossa literatura. GONÇALVES DIAS, por exemplo, com poesias próprias<sup>68</sup> seria<sup>69</sup> admitido no panteon<sup>70</sup> nacional; se exceptuarmos<sup>71</sup> os *Timbiras*,<sup>72</sup> os outros poemas americanos,<sup>73</sup> e certo número de composições, pertencem os seus versos pelo assunto a toda a mais humanidade, cujas aspirações, entusiasmo, fraquezas e dores geralmente cantam; e excludo daí as belas *Sextilhas de Frei Antão*,<sup>74</sup> que essas pertencem unicamente à literatura portuguesa,<sup>75</sup> não só pelo assunto que o poeta<sup>76</sup> extraiu dos historiadores lusitanos, mas até pelo estilo que ele habilmente fez antiquado. O mesmo acontece com

---

<sup>61</sup> Bernardo Guimarães (Ouro Preto, 1825-1884) estreou com obras poéticas (*Cantos da solidão*, 1852, com segunda edição em 1858, acrescida de “Inspirações da tarde”; *Poesias*, 1865, contendo “Cantos da solidão”, “Inspirações da tarde”, “Poesias diversas”, “Evocações” e “A baía de Botafogo”), passando em seguida à ficção – até 1873 publicou: *O ermitão do Muquém ou História da fundação da romaria do Muquém, na província de Goiás*, 1869; *Lendas e romances*, contendo “Uma história de quilombolas”, “A garganta do inferno” e “A dança dos ossos”, 1871; *O seminarista*, 1872; *Histórias e tradições de Minas Gerais*, contendo “A cabeça de Tiradentes”, “A filha do fazendeiro” e “Jupira”, 1872; *O garimpeiro*, 1872; *O índio Afonso*, 1873. (Ver GUIMARÃES, 1959, p. XIX-XXII)

<sup>62</sup> José Martiniano de Alencar (Vila de Mecejana, 1829 – Rio de Janeiro, 1877), até 1873, tinha publicado os seguintes romances: *O guarani* (1857), *A viuvinha*, com *Cinco minutos* (1860), *Lucíola* (1862), *Diva* (1864), *Iracema* (1865), *As minas de prata* (1862-1866), *O gaúcho* (1870), *A pata da gazela* (1870), *A guerra dos mascates* (1871-1874), *O tronco do ipê* (1871), *Sonhos d’ouro* (1872), *Til* (1872) e *Alfarrábios* (1873).

<sup>63</sup> SÍLVIO DINARTE] SÍLVIO DINASTE – em NM (1873) e em NM (1879); Sílvia Dinaste – em REF. Sílvia Dinarte é pseudônimo de Alfredo d’Escragnolle Taunay (Rio de Janeiro, 1843-1899), visconde de Taunay, que, até 1873, tinha publicado os seguintes romances: *A mocidade de Trajano* (1871), *Inocência* (1872) e *Lágrimas do coração, manuscrito de uma mulher* (1873).

<sup>64</sup> FRANKLIN TÁVORA,] Franklin Távora – em CLJ1937. João Franklin da Silveira Távora (Baturité, Ceará, 1842 – Rio de Janeiro, 1888), até 1873, tinha publicado os seguintes romances: *Os índios do Jaguaribe* (1862), *A casa de palha* (1866) e *Um casamento no arrabalde* (1869).

<sup>65</sup> errônea;] errônea: – em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

<sup>66</sup> tratam] tratou – em NM (1873).

<sup>67</sup> doutrina] doutrina – em REF, em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

<sup>68</sup> próprias] próprias, – em CLJ1937.

<sup>69</sup> seria] não seria – em SEM.

<sup>70</sup> panteon] panteão – em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

<sup>71</sup> exceptuarmos] excetuarmos – em CMA, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

<sup>72</sup> os *Timbiras*,] *Os Timbiras*, – em OCA1959, em CCPT1964 e em OCA1994, “Os Timbiras”, – em OCA2008.

<sup>73</sup> americanos,] americanos – em MASA.

<sup>74</sup> *Sextilhas de Frei Antão*,] *Sextilhas de frei Antão*, – em OCA2008; “Sextilhas de frei Antão”, – em MASA.

<sup>75</sup> literatura portuguesa,] Literatura Portuguesa, – em CCPT1964.

<sup>76</sup> poeta] Poeta – em CCPT1964.

os seus dramas, nenhum dos quais têm<sup>77</sup> por teatro o Brasil. Iria longe se tivesse de citar outros exemplos de casa, e não acabaria se fosse necessário recorrer aos estranhos. Mas,<sup>78</sup> pois que isto vai ser impresso em terra americana e inglesa, perguntarei simplesmente se o autor<sup>79</sup> do *Song of Hiawatha*,<sup>80</sup> não é o mesmo autor<sup>81</sup> da *Golden Legend*,<sup>82</sup> que nada tem com a terra que o viu nascer, e cujo cantor admirável é;<sup>83</sup> e perguntarei mais se o *Hamlet*, o *Otelo*, o *Júlio César*, a *Julieta e Romeu*<sup>84</sup> tem<sup>85</sup> alguma cousa<sup>86</sup> com a história inglesa nem<sup>87</sup> com o território britânico, e se entretanto,<sup>88</sup> SHAKESPEARE não é, além de um gênio universal, um poeta essencialmente inglês.<sup>89</sup>

Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas<sup>90</sup> tão absolutas que a empobreçam. O que se deve exigir do escritor,<sup>91</sup> antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço. Um notável crítico da França,<sup>92</sup> analisando há tempos um escritor escocês, MASSON,<sup>93</sup> com muito

---

<sup>77</sup> têm] tem – em NM (1879), em SEM, em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA. A concordância faz-se com os quatro dramas escritos por Gonçalves Dias: *Patkull*, *Beatriz Cenci*, *Leonor de Mendonça* e *Boabdil*.

<sup>78</sup> Mas,] Mas – em SEM.

<sup>79</sup> autor] Autor – em CCPT1964.

<sup>80</sup> *Song of Hiawatha*,] *Song of Hiawatha* – em SEM, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964 e em OCA1994 e em MASA; “*Song of Hiawatha*” – em OCA2008.

<sup>81</sup> autor] Autor – em CCPT1964.

<sup>82</sup> *Golden Legend*,] *Golden legend*, – em MASA. *The Song of Hiawatha* (1855), poema sobre a mitologia dos índios da América do Norte, e *The Golden Legend* (1855), poema dramático de assunto tomado à tradição medieval europeia, são obras de Henry Wadsworth Longfellow (1807-1882), poeta norte-americano.

<sup>83</sup> é;] é? – em NM (1879).

<sup>84</sup> *Romeu*] *Romeu*, – em CCPT1964.

<sup>85</sup> tem] têm – em NM (1879), em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA. Observe-se que a concordância pode ser feita apenas com o último elemento da enumeração – *Julieta e Romeu*. A inversão nos nomes de *Romeu e Julieta* faz-nos crer que Machado estava com a atenção voltada para os personagens. Registre-se, ainda, que a forma verbal “tem” podia ser usada como plural (Cf. SILVA, 1813, p. XXXIX).

<sup>86</sup> cousa] coisa – em CLJ1953, em OCA1959, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

<sup>87</sup> nem] ou – em NM (1879). O “nem” tem valor de “ou” em frases interrogativas. (JUCÁ FILHO, 1986, p. 524). Neste caso, a interrogação é indireta.

<sup>88</sup> e se entretanto,] e se, entretanto, – em SEM, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

<sup>89</sup> inglês.] inglês? – em NM (1879).

<sup>90</sup> doutrinas] doutrinas – em REF, em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

<sup>91</sup> escritor,] escritor – em REF, em CMA, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

<sup>92</sup> O crítico francês mencionado por Machado de Assis é Louis Étienne (1813-1875), que, na *Revue des Deux Mondes* de 15 de agosto de 1866 (v. 64, n. 4, p. 901-926), num ensaio intitulado “La critique contemporaine en Angleterre: II. David Masson.”, escreveu: “Cependant le *scotticisme* de M. Masson (je lui emprunte ce mot) n’est pas seulement de surface. Comme on peut être un parfait Breton sans parler toujours de l’ajonc et de la bruyère, M. Masson est bon Écossais sans dire un mot du chardon.” (p. 905)

<sup>93</sup> David Masson (1822-1853) foi um crítico literário escocês.

acerto dizia que do mesmo modo que se podia ser bretão<sup>94</sup> sem falar sempre do<sup>95</sup> tojo, assim MASSON era bom escocês,<sup>96</sup> sem dizer palavra do cardo, e explicava o dito acrescentando que havia nele um *scotticismo*<sup>97</sup> interior, diverso e melhor do que se fora apenas superficial.

Estes e outros pontos cumpria à crítica estabelecê-los, se tivéssemos uma crítica doutrinária, ampla, elevada, correspondente ao que ela é em outros países. Não a temos. Há e tem havido escritos que tal nome merecem, mas raros, a espaços, sem a influência quotidiana e profunda que deveram<sup>98</sup> exercer. A falta de uma crítica assim é um dos maiores males de que padece a nossa literatura; é mister que a análise corrija ou anime a invenção, que os pontos de doutrina<sup>99</sup> e de história se investiguem, que as belezas se estudem, que os senões se apontem, que o gosto se apure e eduque, para que a literatura<sup>100</sup> saia mais forte e viçosa, e se desenvolva<sup>101</sup> e caminhe aos altos destinos que a esperam.<sup>102</sup>

#### O ROMANCE

De todas as formas várias<sup>103</sup> as mais cultivadas atualmente no Brasil são o romance e a poesia lírica; a mais apreciada é o romance, como aliás acontece em toda a parte,<sup>104</sup> creio eu. São fáceis de perceber as causas desta<sup>105</sup> preferência da opinião, e por isso não me demoro em apontá-las. Não se fazem aqui (falo sempre genericamente) livros de filosofia, de linguística, de crítica histórica, de alta política,<sup>106</sup> e outros assim,

<sup>94</sup> bretão] Bretão – em NM (1879).

<sup>95</sup> do] de – em OCA2008.

<sup>96</sup> bom escocês,] bom Escocês, – em NM (1879); bem escocês, – em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008; bom escocês – em MASA.

<sup>97</sup> *scotticismo*] *escotismo* – em MASA. O estrangeirismo aporuguesado (no original francês citado está “*scotticisme*”), empregado por Machado de Assis, equivale a escocêsismo: “o que é próprio dos escoceses nos seus costumes, linguagem, modas, etc.” (Ver AULETE digital).

<sup>98</sup> deveram] deveriam – em MASA.

<sup>99</sup> doutrina] doutrina – em REF, em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

<sup>100</sup> literatura] Literatura – em CCPT1964.

<sup>101</sup> eduque, para que a literatura saia mais forte e viçosa, e se desenvolva] eduque, e se desenvolva – em OCA1959, em OCA1994 e em OCA2008; eduque, para que a Literatura saia mais forte e viçosa e se desenvolva – em CCPT1964; eduque, para que a literatura saia mais forte e viçosa e se desenvolva – em MASA.

<sup>102</sup> esperam.] esperam, – em REF. As ideias sobre o papel da crítica, presentes nesse parágrafo, haviam sido desenvolvidas por Machado de Assis em “Ideal do crítico” (texto publicado em 1865, no *Diário do Rio de Janeiro*, e que pode ser lido neste número da *Machadiana*).

<sup>103</sup> várias] várias, – em CLJ1937.

<sup>104</sup> em toda a parte,] em toda parte, – em CCPT1964 e em MASA. Machado de Assis, como os clássicos da língua portuguesa, não distinguia “todo o” e “toda a” de “todo” e “toda”, respectivamente – distinção que modernamente fazemos. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2007, p. 25) anotou: “Todo, no sentido de *cada*, ou *qualquer*, usa-o ora acompanhado de artigo, ora não.”

<sup>105</sup> desta] dessa – em MASA.

<sup>106</sup> de filosofia, de linguística, de crítica histórica, de alta política,] de filosofia, de linguística, de crítica histórica de alta política, – NM (1873), em REF, em SEM; de filosofia, de linguística, de crítica histórica e de alta política, – em NM (1879); de Filosofia, de Linguística, de Crítica Histórica, de alta Política, – em CCPT1964; de filosofia, de linguística, de crítica histórica, de alta política – em MASA. A pontuação depende de interpretação: tanto se pode dizer “de crítica história, de alta política”, como “de crítica histórica de alta política” – em que a “alta política” seria a matéria da “crítica histórica”. Não dispomos de informações claras sobre qual era o pensamento do autor.

que em alheios países achem<sup>107</sup> fácil acolhimento e boa extração; raras são aqui essas obras e escasso o mercado delas. O romance pode-se dizer que domina quase exclusivamente. Não há nisto motivo de admiração nem de censura, tratando-se de um país que apenas entra na primeira mocidade, e esta não ainda<sup>108</sup> nutrida de sólidos estudos. Isto<sup>109</sup> não é desmerecer o romance, obra d'arte<sup>110</sup> como qualquer outra, e exige<sup>111</sup> da parte do escritor qualidades de boa nota.

Aqui<sup>112</sup> o romance, como tive ocasião de dizer,<sup>113</sup> busca sempre a cor local. A substância, não menos que os acessórios, reproduzem<sup>114</sup> geralmente a vida brasileira em seus diferentes aspectos<sup>115</sup> e situações. Naturalmente os costumes do interior são os que conservam melhor a tradição<sup>116</sup> nacional; os da capital<sup>117</sup> do país, e em parte<sup>118</sup> os de algumas cidades,<sup>119</sup> muito mais chegados à influência europeia, trazem já uma feição mista e ademães<sup>120</sup> diferentes. Por outro lado, penetrando no tempo colonial, vamos achar uma sociedade diferente, e dos livros em que ela é tratada<sup>121</sup> alguns há de mérito real.

Não faltam a alguns de nossos romancistas qualidades de observação e de análise, e um estrangeiro não familiar com os nossos costumes achará muita página

---

<sup>107</sup> achem] acham – em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008. O uso do modo subjuntivo, nesta passagem, parece-nos inadequado. Talvez se trate de erro tipográfico: deveria ser “acham” (modo indicativo). Alterações na pontuação (troca da vírgula que vem depois de “assim” por ponto e vírgula; e, troca do ponto e vírgula que vem depois de “extração” por vírgula) poderiam, talvez, justificar o uso do modo subjuntivo, tornando mais claras as relações entre as ideias e ressaltando o valor concessivo do “que” no período: “Não se fazem aqui (falo sempre genericamente) livros de filosofia, de linguística, de crítica histórica, de alta política e outros assim; *que* em alheios países achem fácil acolhimento e boa extração, raras são aqui essas obras e escasso o mercado delas.” (grifo nosso)

<sup>108</sup> não ainda] ainda não – em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

<sup>109</sup> Isto] Isso – em MASA.

<sup>110</sup> obra d'arte] obra de arte – em CCPT1964 e em OCA2008.

<sup>111</sup> e exige] e que exige – em REF, em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008. Trata-se de um anacoluto – o sujeito de “exige” é “romance” e não “Isto”. Augusto Moreno (citado por VIANA, in LOBO, 1942, p. 52, nota 2), sobre o anacoluto, afirma: “o *anacoluto* não deve banir-se totalmente da escrita vernácula: às vezes apresenta formas de construção tipicamente portuguesas, e que substituídas redundariam logo em perda de naturalidade e elegância.”

<sup>112</sup> Aqui] Aqui, – em CLJ1937.

<sup>113</sup> dizer,] dizer – em REF, em CMA, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

<sup>114</sup> Observe-se que “reproduzem” concorda com a “substância” e os “acessórios”.

<sup>115</sup> aspectos] aspetos – em CMA.

<sup>116</sup> tradição] tradução – em NM (1873) e em SEM.

<sup>117</sup> capital] Capital – em CCPT1964.

<sup>118</sup> e em parte] e em parte, – em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

<sup>119</sup> e em parte os de algumas cidades,] e em parte, os de algumas cidades – em REF e em CMA; e em parte, os de algumas cidade, – em CLJ1937.

<sup>120</sup> ademães] ademanas – em REF, em CMA e CLJ1937; ademanas – em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008; ademãos – em MASA.

<sup>121</sup> tratada] tratada, – em REF, em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

instrutiva. Do romance puramente de análise<sup>122</sup> raríssimo exemplar temos, ou porque a nossa índole não nos chame para aí, ou porque seja esta casta de obras ainda incompatível com a nossa adolescência literária.

O romance brasileiro recomenda-se especialmente pelos toques do<sup>123</sup> sentimento, quadros da natureza e de costumes, e certa viveza de estilo mui adequada ao espírito do nosso povo. Há em verdade ocasiões em que essas qualidades parecem sair da sua medida natural, mas em regra<sup>124</sup> conservam-se estremes de censura, vindo a sair muita cousa<sup>125</sup> interessante, muita realmente bela. O espetáculo da natureza, quando o assunto o pede, ocupa notável lugar no romance, e dá páginas animadas e pitorescas,<sup>126</sup> e não as cito por me não divertir do objeto exclusivo deste escrito, que é indicar as excelências e os defeitos do conjunto,<sup>127</sup> sem me demorar em pormenores. Há boas páginas, como digo, e creio até que um grande amor a este recurso da descrição, excelente, sem dúvida, mas (como dizem os mestres)<sup>128</sup> de mediano efeito, se não avultam no escritor outras qualidades essenciais.

Pelo que respeita à análise de paixões e caracteres<sup>129</sup> são muito menos comuns os exemplos que podem satisfazer a crítica;<sup>130</sup> alguns há porém<sup>131</sup> de merecimento incontestável. Esta é, na verdade, uma das partes mais difíceis do romance, e ao mesmo tempo dos<sup>132</sup> mais superiores. Naturalmente exige da<sup>133</sup> parte do escritor dotes não

---

<sup>122</sup> análise] análise, – em REF, em NM (1879), em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008. Observe-se que vencer a limitação apontada pelo autor deste ensaio foi uma das tarefas que ele impôs a si mesmo.

<sup>123</sup> do] de – em MASA.

<sup>124</sup> em regra] em regra, – em OCA1959.

<sup>125</sup> cousa] coisa – em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

<sup>126</sup> pitorescas,] pictorescas, – em NM (1879). O emprego, por Machado de Assis, desta forma da palavra (“pitorescas”) escapou a Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2007, p. 26), que anotou: “Nos casos de sincretismo vocabular, apegam-se [Machado de Assis], às vezes, a uma das formas, e quase não se utiliza de outra. Escreve sempre *pintoresco*, e parece-me que nunca *pinturesco* ou *pitoresco*.”

<sup>127</sup> e os defeitos do conjunto,] o os defeitos do conjunto – em SEM.

<sup>128</sup> Não localizamos os “mestres” a que Machado de Assis se refere. Conhecemos, entretanto, a repulsa de Pierre-Jean de Béranger (1780-1857) pela descrição, declarada em correspondência enviada a Victor Hugo, quando este publicou o romance (rico em descrições) *Nossa Senhora de Paris* – pedindo-lhe a remessa de um exemplar do livro: “Meu caro Hugo, eu vos envio um homem de rins fortes, ombros largos, para carregar ‘Nossa Senhora de Paris’, que estou impaciente de ler, visto que todo o mundo me fala desse livro, e porque é obra vossa. Previno-vos todavia de que, inimigo do gênero descritivo, sei de antemão que há uma parte do romance de que serei mau juiz. Mas estou disposto a ser para o resto do livro o que sabeis que sou para todas as vossas produções.” (BÉRANGER apud CORREIA, 1957, p. 18)

<sup>129</sup> caracteres] caracteres, – em SEM; carateres – em CMA.

<sup>130</sup> a crítica;] à crítica, – em REF e em CMA; à crítica; – em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964 e em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

<sup>131</sup> há porém] há, porém, – em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

<sup>132</sup> dos] das – em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008. Observe-se a silepse: o crítico concordou o “dos” com (a ideia de) romances.

<sup>133</sup> da] do – em REF.

vulgares de<sup>134</sup> observação, que, ainda em literaturas mais adiantadas,<sup>135</sup> não andam a roda<sup>136</sup> nem são a partilha do maior número.

As tendências morais do romance brasileiro são geralmente boas. Nem todos eles serão de princípio a fim irrepreensíveis;<sup>137</sup> alguma cousa<sup>138</sup> haverão<sup>139</sup> que uma crítica austera poderia apontar e corrigir. Mas o tom geral é bom. Os livros de certa escola francesa,<sup>140</sup> ainda que muito lidos entre nós, não contaminaram a literatura brasileira,<sup>141</sup> nem sinto nela tendências para adotar as suas doutrinas,<sup>142</sup> o que é já<sup>143</sup> notável mérito. As obras de que falo<sup>144</sup> foram aqui bem-vindas e festejadas, como hóspedes, mas não se aliaram à família nem tomaram<sup>145</sup> o governo da casa. Os nomes que principalmente seduzem a nossa mocidade são os do período romântico; os escritores<sup>146</sup> que se vão buscar para fazer comparações com os nossos,<sup>147</sup> – porque há

---

<sup>134</sup> de] da – em REF e em CMA.

<sup>135</sup> literaturas mais adiantadas,] literaturas mais adiantadas – em REF e em CMA; literatura mais adiantada, – em CLJ1937.

<sup>136</sup> a roda] à roda – em NM (1879); a rodo – em SEM, em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA. Sobre a acentuação do “a” na expressão “a roda”, escreveu Aires da Mata Machado Filho (1969, v.1, p. 133), recorrendo à *Réplica*, de Rui Barbosa: “Correr *a roda*, ou dançar *a roda* não obrigariam a acentuação. Mas, em sendo *à roda* de alguém, ou de alguma coisa, a individuação desta, ou da pessoa, à roda de quem se opera o movimento, pressupõe a crase, e força o acento.” / Em face do exposto, teremos *a roda* sem acento, e *à roda de* com acento.” A expressão “a roda” deve ter o sentido aproximado de “no entorno”, isto é, a frase significa que esse tipo de romance não existe por aí (lá, “em literaturas mais adiantadas”). É este, aproximadamente, o sentido que a palavra tem na seguinte passagem da *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto (1952, v. I, p. 329): “Após isto se pôs logo Antônio de Faria a correr toda a ilha em roda, para ver se havia nela alguma gente [...]”. Evidentemente, para se certificar da existência ou não de habitantes na ilha, seria necessário percorrê-la em toda a sua extensão, e não só andar à roda dela, isto é, ao redor dela. Curiosamente, o autor do ensaio diz mais à frente: “Escrever como Azurara ou Fernão Mendes seria hoje um anacronismo insupportável.”

<sup>137</sup> irrepreensíveis;] irrepreensíveis – em SEM.

<sup>138</sup> cousa] coisa – em CLJ1953, em OCA1959, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

<sup>139</sup> haverão] haverá – em REF e em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA. O verbo “haver” nesta passagem tem o sentido de “ter” – o que ocorre com frequência em Machado (ver também nota 172). Aqui, o sujeito da oração é “eles”, os romances. Sobre os sentidos desses dois verbos (“haver” e “ter”) e os aspectos semânticos de seus empregos ao longo da história de língua portuguesa, afirma Said Ali (1957, p. 119): “Deixando a oração existencial de parte, ainda assim falharão os esforços para descobrir no seio da nossa língua a noção de posse perfeitamente identificada com o verbo *haver*. [...] averiguamos que na consciência geral vinham distribuídas pelos dois verbos acepções que a teoria ao presente supõe juntas em qualquer deles. Dava-se a *haver* o sentido característico de ‘adquirir’, ‘alcançar’, ‘obter’ e reservava-se *ter* para expressar a consequência duradoura desse ato, isto é, ‘manter’, ‘guardar’, ‘possuir’.”

<sup>140</sup> Massaud Moisés (1964, p. 99, em nota explicativa) diz que a expressão “certa escola francesa” deve se referir ao Realismo francês, iniciado na década de 1860.

<sup>141</sup> literatura brasileira,] Literatura Brasileira, – em CCPT1964.

<sup>142</sup> doutrinas,] doutrinas, – em REF, em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

<sup>143</sup> já] jé – em NM (1873).

<sup>144</sup> falo] falo, – em CMA, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

<sup>145</sup> tomaram] tomoram – em NM (1879).

<sup>146</sup> escritores] escriptores – em REF.

<sup>147</sup> nossos,] nossos – em CLJ1937, em OCA2008 e em MASA.

aqui muito amor a essas comparações,<sup>148</sup> – são ainda aqueles com que o nosso espírito se educou,<sup>149</sup> os VICTOR<sup>150</sup> HUGOS, os GAUTIER, os MUSSETS, os GOZLANS,<sup>151</sup> os NERVALS.<sup>152</sup>

Isento por esse lado o romance brasileiro, não menos o está de tendências políticas, e geralmente de todas as questões sociais,<sup>153</sup> – o que não digo por fazer elogio, nem ainda censura, mas unicamente para atestar o facto.<sup>154</sup> Esta casta de obras<sup>155</sup> conserva-se aqui no puro domínio da imaginação,<sup>156</sup> desinteressada dos problemas do dia e do século, alheia às crises sociais e filosóficas. Seus principais elementos são, como disse, a pintura dos costumes, a<sup>157</sup> luta das paixões, os quadros da natureza, alguma vez estudo<sup>158</sup> dos sentimentos e dos caracteres,<sup>159</sup> com esses elementos, que são fecundíssimos, possuímos já uma galeria numerosa e a muitos respeitos notável.

No gênero dos contos, à maneira de HENRI MURGER,<sup>160</sup> ou à de TRUEBA,<sup>161</sup> ou à de CHS. DICKENS,<sup>162</sup> que tão diversos são entre si, têm havido<sup>163</sup> tentativas mais ou menos felizes, porém raras, cumprindo citar, entre outros, o nome do Sr.<sup>164</sup> LUÍS GUIMARÃES JÚNIOR,<sup>165</sup> igualmente folhetinista elegante e jovial. É gênero difícil, a

<sup>148</sup> comparações.] comparações – em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

<sup>149</sup> educou.] adueou, – em REF.

<sup>150</sup> VICTOR] Vítor – em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964 e em OCA1994.

<sup>151</sup> os MUSSETS, os GOZLANS,] os Mnssets, os Gozlaus, – em REF; os Mussets, os Gozlan, – em CCPT1964.

<sup>152</sup> NERVALS] Nervais – em OCA2008. Victor Hugo (1802-1885), Théophile Gautier (1811-1872), Alfred de Musset (1804-1880), Léon Gozlan (1803-1866) e Gérard de Nerval (1808-1855): escritores franceses, autores de romances.

<sup>153</sup> sociais.] sociais – em CLJ1937, em OCA2008 e em MASA.

<sup>154</sup> facto.] fato. – em CMA, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

<sup>155</sup> obras] obras, – em OCA1994 e em OCA2008.

<sup>156</sup> da imaginação.] de imaginação, – em REF, em CMA, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008; de imaginá-lo, – em CLJ1937. Em NM (1873), a vogal da preposição “de/da” é ilegível.

<sup>157</sup> a] e – em OCA1994 e em OCA2008.

<sup>158</sup> estudo] o estudo – em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

<sup>159</sup> caracteres.] caracteres; – em NM (1879), em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959 e em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008; caracteres. – em SEM; carateres; – em CMA.

<sup>160</sup> HENRI MURGER] Henr Murger – em REF. Henri Murger (Paris, 1822-1861), escritor de rica fantasia, autor de *Cenas da vida boêmia*.

<sup>161</sup> TRUEBA,] TENEBA, – em NM (1873), em REF, em NM (1879) e em SEM. Antonio de Trueba y de la Quintana (Montellano, 1819 – Bilbao, 1889), poeta, novelista e contista espanhol; toda a sua obra é uma glorificação das províncias bascas.

<sup>162</sup> CHS. DICKENS,] Ch. Dickens, – em CMA, em CLJ1937, CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964 e em OCA1994; Charles Dickens, – em OCA2008 e em MASA. Charles Dickens (Landport, 1812 – Higham, 1870): escritor inglês, célebre por seus romances e contos. Machado de Assis traduziu grande parte de uma de suas obras, *Oliver Twist*. Segundo Jean-Michel Massa (2008, p. 38), para fazer a tradução Machado de Assis utilizou uma versão francesa.

<sup>163</sup> têm havido] tem havido – em SEM e em CLJ1937 e em MASA. Ocorre essa construção (verbo haver no plural, com o sentido de existir) em Machado de Assis, pelo menos até essa época.

<sup>164</sup> Sr.] sr. – em OCA2008.

<sup>165</sup> Luís Caetano Pereira Guimarães Júnior (Rio de Janeiro, 1847 – Lisboa, 1898) foi diplomata, poeta, romancista, contista e teatrólogo. No início da década de 1870, foi folhetinista no *Diário do Rio de Janeiro*, publicando aos domingos, entre 1870 e 1872, o folhetim “Revista do domingo”. Era amigo de Machado de Assis; algumas das ideias desenvolvidas neste ensaio já se encontravam esboçadas numa crítica a *Falenas* feita por ele. (Ver GUIMARÃES JÚNIOR, 1870)

despeito da sua aparente facilidade,<sup>166</sup> e creio que essa mesma aparência lhe faz mal, afastando-se dele os escritores,<sup>167</sup> e não lhe dando, penso eu, o público toda a atenção de que ele é muitas vezes credor.<sup>168</sup>

Em resumo, o romance, forma extremamente apreciada e já<sup>169</sup> cultivada com alguma extensão<sup>170</sup> é um dos títulos da presente geração literária. Nem todos os livros, repito, deixam de se prestar a uma crítica minuciosa e severa, e<sup>171</sup> se a houvéssemos<sup>172</sup> em condições regulares, creio que os defeitos se corrigiriam,<sup>173</sup> e as boas qualidades adquiririam maior realce. Há geralmente viva imaginação, instinto do belo, ingênua admiração da natureza, amor às cousas<sup>174</sup> pátrias,<sup>175</sup> e além de tudo isto<sup>176</sup> agudeza e observação. Boa e fecunda terra, já deu frutos excelentes,<sup>177</sup> e os há de dar em muito maior escala.

#### A POESIA

A ação da<sup>178</sup> crítica seria sobretudo eficaz em relação à poesia. Dos poetas que apareceram no decênio de 1850 a 1860, uns levou-os a morte ainda na flor dos anos, como ÁLVARES DE AZEVEDO, JUNQUEIRA FREIRE, CASIMIRO DE ABREU,<sup>179</sup> cujos nomes excitam na nossa mocidade legítimo e sincero entusiasmo, e bem assim outros de não menor porte. Os que sobreviveram calaram as líras,<sup>180</sup> e se uns voltaram as suas atenções para outro gênero literário, como BERNARDO GUIMARÃES,<sup>181</sup> outros vivem dos

---

<sup>166</sup> Como no caso do romance de análise (ver nota 122), Machado de Assis também se dedicou intensamente ao conto (gênero cuja dificuldade ele aponta aqui).

<sup>167</sup> escritores.] escritores – em CLJ1937.

<sup>168</sup> credor.] credor, – em REF.

<sup>169</sup> e já] é já – em NM (1879).

<sup>170</sup> extensão] extensão, – em NM (1879), em SEM, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

<sup>171</sup> severa, e] severa e – em REF; severa, e, – em CLJ1937 e em MASA.

<sup>172</sup> Já observamos o uso frequente do verbo “haver” com o sentido de “ter” por Machado de Assis. Ver nota 139.

<sup>173</sup> corrigiriam.] corrigiriam – em CLJ1937.

<sup>174</sup> cousas] coisas – em CLJ1953, em OCA1959, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

<sup>175</sup> pátrias.] pátrias – em CLJ1937.

<sup>176</sup> isto] isso – em MASA.

<sup>177</sup> excelentes.] excelentes – em REF, em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

<sup>178</sup> da] de – em OCA1994 e em OCA2008.

<sup>179</sup> Manuel Antônio Álvares de Azevedo (São Paulo, 1831 – Rio de Janeiro, 1852) teve sua obra publicada postumamente; Machado de Assis estudou-lhe a “Lira dos vinte anos” em artigo publicado no *Diário do Rio de Janeiro*, em 26 de junho de 1866. Luís José Junqueira Freire (Salvador, 1832-1855): Machado de Assis estudou-lhe as “Inspirações do claustro”, em artigo publicado no *Diário do Rio de Janeiro*, em 30 de janeiro de 1866. Casimiro José Marques de Abreu (Indaiáçu, Barra de São João, 1839-1860) foi amigo de juventude de Machado de Assis.

<sup>180</sup> líras.] líras; – em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

<sup>181</sup> Ver nota 61.

louros colhidos, se é que não preparam obras de maior tomo, como se diz de VARELA,<sup>182</sup> poeta que já pertence ao decênio de 1860 a 1870. Neste último prazo outras vocações apareceram e numerosas, e basta citar um CRESPO,<sup>183</sup> um SERRA,<sup>184</sup> um TRAJANO,<sup>185</sup> um GENTIL HOMEM DE ALMEIDA BRAGA,<sup>186</sup> um CASTRO ALVES,<sup>187</sup> um LUÍS GUIMARÃES,<sup>188</sup> um ROSENDO MONIZ,<sup>189</sup> um CARLOS FERREIRA,<sup>190</sup> um LÚCIO DE MENDONÇA,<sup>191</sup> e tantos mais,<sup>192</sup> para mostrar que a poesia contemporânea pode dar muita coisa;<sup>193</sup> e se algum destes<sup>194</sup> como CASTRO ALVES, pertence à eternidade, seus versos podem servir e servem de incentivo às vocações nascentes.

Competindo-me dizer o que acho da atual poesia<sup>195</sup> atendo-me só aos poetas de recentíssima data, melhor direi a uma<sup>196</sup> escola agora dominante,<sup>197</sup> cujos defeitos me

---

<sup>182</sup> Luís Nicolau Fagundes Varela (Rio Claro, 1841 – Niterói, 1875): a referência feita por Machado de Assis é ao poema *Anchieta ou O evangelho nas selvas*, em 10 cantos, cuja redação foi iniciada em 1871 e completada em 1874 – o poema foi publicado postumamente em 1875. Uma edição desse poema, baseada no manuscrito autógrafa, que se encontra na Biblioteca Municipal de São Paulo, foi preparada por Frederico José da Silva Ramos e publicada nas *Poesias completas*. (Cf. LIMA, 2003; VARELA, 1962)

<sup>183</sup> Ver nota 206.

<sup>184</sup> Ver nota 206.

<sup>185</sup> Trajano Galvão de Carvalho (Barcelos, MA, 1830 – São Luís, 1864) publicou *As três líras* (com Gentil Homem de Almeida Braga e Antônio Marques Rodrigues), em 1863.

<sup>186</sup> Gentil Homem de Almeida Braga (São Luís do Maranhão, 1835-1876) foi político, poeta e folhetinista. Usava o nome literário de Flávio Reimar, e teve seu livro *Entre o céu e a terra*, publicado em São Luís em 1869, elogiosamente criticado por Machado de Assis na *Semana Ilustrada* (30 jan. 1870).

<sup>187</sup> Antônio Frederico de Castro Alves nasceu em Muritiba, BA, em 1847, e morreu em Salvador, em 1871. Machado de Assis, logo adiante, refere-se à morte precoce do poeta. Castro Alves esteve em contato com Machado de Assis, apresentado a ele por carta de José de Alencar, em 1868 – ocasião em que o poeta baiano leu para o crítico o drama *Gonzaga* e alguns poemas seus. (Cf. MACHADO, 2021, p. 45)

<sup>188</sup> Ver nota 165.

<sup>189</sup> MONIZ,] Moniz – em CCPT1964. Rosendo Moniz Barreto (Bahia, 1845 – Rio de Janeiro, 1897) publicou, até 1873, *Cantos da aurora* (1868) e *Voos icários* (1873).

<sup>190</sup> Carlos Augusto Ferreira (Porto Alegre, 1844 – Rio de Janeiro, 1913), poeta sul-rio-grandense, publicou, até 1873, os seguintes livros de poesias: *Cânticos juvenis* (1867), *Rosas loucas* (1868) e *Alcíones* (1872).

<sup>191</sup> Lúcio Eugênio de Meneses e Vasconcelos Drummond Furtado de Mendonça (Piraí, 1854 – Rio de Janeiro, 1909) teve seu livro de poesias *Névoas matutinas* (1872) prefaciado por Machado de Assis e estudado por ele no ensaio “A nova geração” (*Revista Brasileira*, 1879). Foi um dos idealizadores e fundadores da Academia Brasileira de Letras.

<sup>192</sup> tantos mais,] tantos mais- (com hífen em final de linha) – em SEM.

<sup>193</sup> coisa;] coisa; – em CLJ1953, em OCA1959, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

<sup>194</sup> destes] destes, – em SEM, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

<sup>195</sup> poesia] poesia, – em SEM, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

<sup>196</sup> uma] unia – em OCA2008.

<sup>197</sup> Era grande o interesse de Machado de Assis pela “poesia atual”: em 1879, publicou, na *Revista Brasileira*, o ensaio crítico “A nova geração”, em que estudou 13 poetas “recentíssimos” (a obra mais antiga estudada neste ensaio foi *Névoas matutinas*, de Lúcio de Mendonça, publicado em 1872). Sobre essa “nova geração”, começou ele o seu texto da seguinte maneira: “Há entre nós uma nova geração poética, geração viçosa e galharda, cheia de fervor e convicção. Mas haverá também uma poesia nova, uma tentativa, ao menos? Fora absurdo negá-lo; há uma tentativa de poesia nova, – uma expressão incompleta, difusa, transitiva, alguma coisa que, se ainda não é o futuro, não é já o passado. Nem tudo é ouro nessa produção recente; e o mesmo ouro nem sempre se revela de bom quilate; não há um fôlego igual e constante; mas o essencial é que um espírito novo parece animar a geração que alvorece, o essencial é que esta geração não se quer dar ao trabalho de prolongar o ocaso de um dia que verdadeiramente acabou.” (ASSIS, 2019, p. 39-81)

parecem graves, cujos dotes – valiosos,<sup>198</sup> e que poderá dar muito de si, no caso de adotar a necessária emenda.<sup>199</sup>

Não faltam à nossa atual poesia fogo nem estro.<sup>200</sup> Os versos publicados são geralmente ardentes e trazem o cunho da inspiração. Não insisto na cor local; como acima disse, todas as formas a revelam com mais ou menos brilhante resultado,<sup>201</sup> bastando-me citar<sup>202</sup> neste caso, a<sup>203</sup> outras duas recentes obras,<sup>204</sup> as *Miniaturas* de GONÇALVES CRESPO<sup>205</sup> e os *Quadros* de J. SERRA,<sup>206</sup> versos estremados<sup>207</sup> dos defeitos que vou assinalar. Acrescentarei que também não falta à<sup>208</sup> poesia atual o sentimento da harmonia exterior. Que precisa ela então? Em que peca a geração presente? Falta-lhe um pouco mais de correção e gosto; peca na intrepidez às vezes da expressão, na impropriedade das imagens, na obscuridade do pensamento.<sup>209</sup> A imaginação, que a há<sup>210</sup> deveras, não raro desvaira e se perde, chegando à obscuridade e à hipérbole,<sup>211</sup>

<sup>198</sup> dotes – valiosos,] dotes, valiosos, – em OCA2008.

<sup>199</sup> emenda.] emenda, – em REF.

<sup>200</sup> estro.] astro. – em NM (1873) e em NM (1879).

<sup>201</sup> resultado,] resultado; – em REF, em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

<sup>202</sup> citar] citar, – em SEM.

<sup>203</sup> caso, a] caso a – em REF; caso as – em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

<sup>204</sup> Entenda-se: Seria um simples caso de objeto direto preposicionado, em estrutura frasal perturbada pela pontuação? Ou, numa outra tentativa de interpretação (mais complexa): “citar neste caso, [de preferência] a outras[, apenas] duas recentes obras”.

<sup>205</sup> de GONÇALVES CRESPO] de o Gonçalves Crespo – em SEM.

<sup>206</sup> O livro *Miniaturas*, de Gonçalves Crespo (Rio de Janeiro, 1846 – Lisboa, 1883), foi publicado em 1871; por ocasião de sua morte, Machado de Assis compôs um soneto em sua homenagem, que foi publicado na *Gazeta de Notícias* (8 jul. 1883), com o título “A volta do poeta”, e, depois, incluído em “Ocidentais”, nas *Poesias completas* (1901), tendo por título o nome do poeta. *Quadros*, de Joaquim Maria Serra Sobrinho (São Luís do Maranhão, 1838 – Rio de Janeiro, 1888), foi publicado em 1873 – e mereceu avaliação crítica de Machado de Assis, na *Semana Ilustrada* (2 fev. 1873).

<sup>207</sup> estremados] extremados – em NM (1873), em REF e em NM (1879), em CLJ1937, em CLJ1953, em CCPT1964 e em MASA. Muito usados no século XIX, o verbo (estremar) e o adjetivo (estremado) tinham os sentidos de “separar” e “separado” (respectivamente) e parecem ter caído em desuso no século XX. Entendemos que o sentido é de “escolher apartando, separando”.

<sup>208</sup> à] a – em CMA.

<sup>209</sup> Nessas restrições que Machado de Assis faz à “nova geração” estão implícitas, por oposição, “as exigências clássicas de correção métrica e gramatical, de precisão vocabular e economia de figuras”, que mais tarde, por influência deste crítico, constituiriam “o dorso da doutrina formal parnasiana”. (RAMOS, 1986, p. 111) “Esses princípios são pregados pelos grandes da escola [parnasiana], como Olavo Bilac e Alberto de Oliveira, que seguem assim o ensinamento machadiano.” (RAMOS, 1967, p. 21) Sobre o papel de Machado nas origens do Parnasianismo brasileiro, escreveu Péricles Eugênio da Silva Ramos: “[...] Machado de Assis foi, criticamente e com sua poesia, um dos principais teóricos de nosso parnasianismo, cuja doutrina formal já vinha elaborando fazia tempo; [...]” “[...] – o cuidado métrico e rimático, a correção gramatical [...], a precisão vocabular, a poupança e a acessibilidade das figuras de pensamento – princípios esses que já antes da rotulação da poesia nova brasileira como ‘parnasiana’, na década de 80, tinham sido estabelecidos e fixados por Machado de Assis [...]” “Tais princípios não foram obtidos na pregação parnasiana francesa, mas no trato dos preceptistas clássicos e neoclássicos [...]” (RAMOS, 1964, p. 8-9)

<sup>210</sup> que a há] que há – em OCA1994 e em OCA2008.

<sup>211</sup> à obscuridade e à hipérbole,] à obscuridade, à hipérbole, – em CMA, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008; à obscuridade, a hipérbole, – em CLJ1937.

quando apenas brincava<sup>212</sup> a novidade e a grandeza. Isto<sup>213</sup> na alta poesia lírica,<sup>214</sup> – na ode, diria eu, se ainda subsistisse a antiga poética;<sup>215</sup> na poesia íntima e elegíaca encontram-se os mesmos defeitos, e mais um amaneirado no dizer e no sentir, o que tudo mostra na poesia contemporânea grave doença<sup>216</sup> que é força combater.

Bem sei que as cenas majestosas da natureza americana exigem do poeta imagens e expressões adequadas. O condor que rompe dos Andes, o pampeiro que varre os campos do sul,<sup>217</sup> os grandes rios, a mata virgem com todas as suas magnificências de vegetação,<sup>218</sup> – não há dúvida que são painéis que desafiam o estro, mas, por isso mesmo que são grandes, devem ser trazidos com oportunidade,<sup>219</sup> e expressos com simplicidade. Ambas essas condições faltam à poesia contemporânea, e não é que escasseiem modelos, que aí estão,<sup>220</sup> para só citar três nomes, os versos de BERNARDO GUIMARÃES, VARELA e ÁLVARES DE AZEVEDO. Um único exemplo bastará para mostrar que a oportunidade e a simplicidade são cabais<sup>221</sup> para reproduzir uma grande imagem ou exprimir uma grande ideia. Nos *Timbiras*,<sup>222</sup> há uma passagem em que o velho Ogib ouve censurarem-lhe o filho, porque se afasta dos outros guerreiros e vive só. A fala do ancião começa com estes primorosos versos:

“São torpes os anuns, que em bandos folgam,  
São maus os caititus que em varas pascem.”<sup>223</sup>  
Somente o sabiá geme sozinho,  
E sozinho o condor<sup>224</sup> aos céus remonta.”<sup>225</sup>

<sup>212</sup> brincava] buscava – em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

<sup>213</sup> Isto] Isso – em MASA.

<sup>214</sup> poesia lírica,] poesia lírica, – em REF; poesia lírica – em SEM, em OCA2008 e em MASA.

<sup>215</sup> poética;] poética: – em CMA e em CLJ1937.

<sup>216</sup> doença] doença, – em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

<sup>217</sup> sul,] Sul, – em OCA1959, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

<sup>218</sup> vegetação,] vegetação – em OCA2008 e em MASA.

<sup>219</sup> oportunidade,] oportunidade – em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

<sup>220</sup> estão,] estão – em REF, em CMA e em CLJ1937.

<sup>221</sup> cabais] cabedais – em SEM.

<sup>222</sup> Nos *Timbiras*,] N’*Os Timbiras*, – em OCA1959, em OCA1994 e em OCA2008; *N’Os Timbiras*, – em CCPT1964.

<sup>223</sup> São maus os caititus que em varas pascem:] São maus os caiteteis que em varas pascem: – em NM (1873), em REF, em NM (1879) e em SEM; *São maus os caiteteis que em varas pascem*; – em MASA; São maus os caitetus que em varas pascem: – em CMA e em CLJ1937. Em NM (1879) faltam os dois versos seguintes; no verso inicial abrem-se aspas (que não se fecham). Em Gonçalves Dias (Leipzig: Brockhaus, 1857, p. 20), este verso vem assim (sem as aspas): “São maus os caitetus, que em varas pascem.”

<sup>224</sup> A palavra – “Condor” – traz inicial maiúscula em Gonçalves Dias (Leipzig: Brockhaus, 1857, p. 20).

<sup>225</sup> Em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008, as aspas que abrem e fecham a citação dos quatro versos de Gonçalves Dias foram retiradas. Em MASA, não há aspas, e os versos vêm em itálico.

Nada mais oportuno nem mais<sup>226</sup> singelo do que isto. A escola a que aludo<sup>227</sup> não exprimiria a ideia com tão simples meios,<sup>228</sup> e faria mal, porque o sublime é simples. Fora para desejar que ela versasse e<sup>229</sup> meditasse longamente estes e outros modelos que a literatura brasileira<sup>230</sup> lhe oferece. Certo, não lhe falta, como disse, imaginação; mas<sup>231</sup> esta tem suas regras, o estro<sup>232</sup> leis, e<sup>233</sup> se há casos em que eles<sup>234</sup> rompem as leis e as regras, é porque as fazem novas, é porque se chamam SHAKESPEARE, DANTE, GOETHE, CAMÕES.

Indiquei os traços gerais. Há alguns defeitos peculiares a alguns livros, como<sup>235</sup> por exemplo, a antítese, creio que<sup>236</sup> por imitação de VICTOR<sup>237</sup> HUGO. Nem por isso acho menos condenável o abuso de uma figura que, se nas mãos do grande poeta produz grandes efeitos,<sup>238</sup> não pode constituir objeto de imitação, nem sobretudo<sup>239</sup> elemento<sup>240</sup> de escola.

Há também uma parte da poesia,<sup>241</sup> que, justamente preocupada com a cor local, cai muitas vezes numa funesta ilusão. Um poeta não é nacional só porque insere nos seus versos muitos nomes de flores ou aves do país, o que pode dar uma nacionalidade de vocabulário e nada mais. Aprecia-se a cor local, mas é preciso que a imaginação,<sup>242</sup> lhe dê os seus toques, e que estes sejam naturais, não de acarreto. Os defeitos que resumidamente aponto não os tenho por incorrigíveis; a crítica os emendaria; na falta dela, o tempo se incumbirá de trazer às vocações as melhores leis.<sup>243</sup> Com as boas qualidades que cada um pode reconhecer na recente escola de que falo, basta a ação do tempo, e<sup>244</sup> se entretanto aparecesse uma grande vocação poética, que se fizesse

---

<sup>226</sup> nem mais] nem – em SEM.

<sup>227</sup> A escola a que se refere é o condoreirismo.

<sup>228</sup> meios,] meios – em CLJ1937.

<sup>229</sup> e] o – em SEM.

<sup>230</sup> literatura brasileira] Literatura Brasileira – em CCPT1964.

<sup>231</sup> mas] mais – em NM (1873), em NM (1879) e em SEM.

<sup>232</sup> estro] estro, – em CLJ1937.

<sup>233</sup> e] e, – em MASA.

<sup>234</sup> Como não há antecedente que justifique o pronome no plural, devemos entender que se trata de um caso de silepse: o pronome concorda com a ideia de “integrantes da escola”. Pode-se entender também que o pronome vem anteposto aos nomes, que seriam os de Shakespeare, Dante, Goethe e Camões.

<sup>235</sup> como] como, – em MASA.

<sup>236</sup> que] quee – em SEM.

<sup>237</sup> VICTOR] Vítor – em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964 e em OCA1994.

<sup>238</sup> efeitos,] efeitos – em SEM.

<sup>239</sup> nem sobretudo] nem sobretudo, – em SEM.

<sup>240</sup> elemento] elementos – em OCA1994.

<sup>241</sup> poesia,] poesia – em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

<sup>242</sup> imaginação,] imaginação – em NM (1879), em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

<sup>243</sup> Em NM (1879), o parágrafo (assim como item sobre poesia) termina aqui; falta o período seguinte.

<sup>244</sup> e] e, – em MASA.

reformadora, é fora de dúvida que os bons elementos entrariam em melhor caminho,<sup>245</sup> e à poesia nacional restariam<sup>246</sup> as tradições<sup>247</sup> do período romântico.

#### O TEATRO

Esta parte pode reduzir-se a uma linha de reticência.<sup>248</sup> Não há atualmente teatro brasileiro;<sup>249</sup> nenhuma peça nacional se escreve, raríssima peça nacional se representa.<sup>250</sup> As cenas teatrais deste país viveram sempre de traduções,<sup>251</sup> o que não quer dizer que não admitissem alguma obra nacional quando aparecia. Hoje, que o gosto público tocou o último grau<sup>252</sup> da decadência e perversão, nenhuma esperança teria quem se sentisse com vocação para compor<sup>253</sup> obras severas de arte. Quem lhas receberia, se o que domina é a cantiga burlesca ou obscena, o canção,<sup>254</sup> a mágica aparatosa, tudo o que fala aos sentidos e aos instintos inferiores?

E todavia a continuar o teatro, teriam as vocações novas alguns exemplos,<sup>255</sup> não remotos, que muito as haviam de animar. Não falo das comédias do PENA,<sup>256</sup> talento sincero e original, a quem só faltou viver mais para aperfeiçoar-se e empreender<sup>257</sup> obras de maior vulto; nem também das tragédias de MAGALHÃES e dos dramas de GONÇALVES DIAS, PORTO-ALEGRE e AGRÁRIO.<sup>258</sup> Mais recentemente, nestes últimos doze ou quatorze anos, houve tal ou qual movimento. Apareceram então os dramas e

<sup>245</sup> caminho,] caminho – em CLJ1937.

<sup>246</sup> restariam] restaria – em NM (1873).

<sup>247</sup> tradições] traduções – em CLJ1937.

<sup>248</sup> reticência.] reticências. – em NM (1879) e em SEM.

<sup>249</sup> brasileiro;] brasileiro, – em REF, em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

<sup>250</sup> se escreve, raríssima peça nacional se representa.] se representa. – em SEM.

<sup>251</sup> traduções,] tradições, – em NM (1873), em REF, em CMA e em CLJ1937.

<sup>252</sup> grau] grão – em MASA.

<sup>253</sup> compor] comprar – em NM (1873), em REF, em SEM e em MASA.

<sup>254</sup> A palavra “canção”, oriunda do francês, era nova na língua portuguesa. Antônio Houaiss (2001) dá a data de 1867 (*Semana Ilustrada*, n. 359, p. 2866, 27 out. 1867) como a do primeiro registro da palavra na língua escrita. Nessa publicação a palavra vem grafada “cancon”, sem itálico, como vem neste texto de Machado de Assis. Localizamos, entretanto, a palavra, em itálico, no mesmo periódico, em 1863 (ano III, n. 116, p. 923). Atualizamos a grafia.

<sup>255</sup> exemplos,] exemplos – em REF, em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

<sup>256</sup> Luís Carlos Martins Pena (Rio de Janeiro, 1815 – Lisboa, 1848), teatrólogo brasileiro, morto aos 33 anos de idade, celebrou-se por suas comédias, mas compôs também dramas. (SOUSA, 1960, t. II, p. 406-411)

<sup>257</sup> empreender] empreheder – em SEM.

<sup>258</sup> Domingos José Gonçalves de Magalhães (Rio de Janeiro, 1811 – Roma, 1882) compôs as tragédias *Antônio José ou O poeta e a Inquisição* e *Olgiato*. Antônio Gonçalves Dias (Caxias, MA, 1823 – naufrágio do “Ville de Boulogne”, baixo dos Atins, costa do Maranhão, município de Guimarães, 1864) escreveu os dramas *Patkull*, *Beatriz Cenci*, *Leonor de Mendonça* e *Boabdil*. Manuel de Araújo Porto-Alegre (Rio Pardo, RS, 1806 – Lisboa, 1879) foi autor de comédias e dramas (*O prestígio da lei*, *A escrava*, *O rei dos mendigos*, *Os voluntários da Pátria*; e a tragédia *Os Toltecas*). Agrário de Sousa Meneses (Bahia, 1834-1863) compôs, além de comédias, os dramas *Matilde*, *Calabar*, *Os miseráveis*, *Bartolomeu de Gusmão*, *O dia da independência*. (Ver SOUSA, 1960, t. II, p. 323-325, p. 207-209, p. 433-436 e p. 351-352, respectivamente)

comédias do Sr.<sup>259</sup> J. DE ALENCAR, que ocupou o primeiro lugar na nossa escola realista,<sup>260</sup> e cujas obras *Demônio Familiar* e *Mãe*<sup>261</sup> são de notável merecimento. Logo em seguida apareceram várias outras composições dignas do aplauso que tiveram, tais como os dramas dos SRS.<sup>262</sup> PINHEIRO GUIMARÃES, QUINTINO BOCAIUVA<sup>263</sup> e algum mais;<sup>264</sup> mas nada disso foi adiante.<sup>265</sup> Os autores cedo se enfasiaram da cena,<sup>266</sup> que a pouco e pouco foi decaindo até chegar ao que temos hoje, que é nada.

A Província<sup>267</sup> ainda não foi de todo invadida pelos espetáculos de feira; ainda lá se representa<sup>268</sup> o drama e a comédia,<sup>269</sup> – mas não aparece, que me conste, nenhuma obra nova e original. E com estas poucas linhas fica liquidado este ponto.

#### A LÍNGUA

Entre os muitos méritos dos nossos livros nem sempre figura o da pureza da linguagem. Não é raro ver intercalado<sup>270</sup> em bom estilo os solecismos da linguagem comum, defeito grave, a que se junta o da excessiva influência da língua francesa.<sup>271</sup> Este ponto é objeto de divergência entre os nossos escritores. Divergência digo,<sup>272</sup>

---

<sup>259</sup> Sr.] sr. – em OCA2008.

<sup>260</sup> realista,] realista – em REF, em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008. O início do “teatro realista”, no Brasil, consistiu na atividade que se desenvolveu no teatro Ginásio Dramático (criado em 1855) – atividade da qual participou José de Alencar –, por oposição ao antigo teatro romântico, representado por João Caetano, que atuava à frente do teatro São Pedro de Alcântara. A partir de 1865, segundo João Roberto Faria (1993), o teatro cômico e musicado dominou a cena carioca.

<sup>261</sup> *Demônio Familiar e Mãe*] *Demônio familiar* e *Mãe* – em OCA2008 e em MASA. *Demônio familiar*: comédia em 4 atos, representada no teatro Ginásio Dramático em 1857; *Mãe*: drama em 4 atos, representado também no Ginásio Dramático em março de 1860. (Cf. ALENCAR, 1977; FARIA, 1987)

<sup>262</sup> Srs.] srs. – em OCA2008.

<sup>263</sup> Francisco Pinheiro Guimarães (Rio de Janeiro, 1832-1877): autor de *História de uma moça rica* (1861) e *Punição* (1864), representadas no teatro Ginásio Dramático; Quintino Bocaiuva (Itaguaí, 1836 – Rio de Janeiro, 1912): jornalista, escritor, político e teatrólogo – autor, entre outras obras, de *O trovador* (1856), *Onfália* (1860), *Os mineiros da desgraça* (1862) e *A família* (1866). (Ver SOUSA, 1960, t. II, p. 276-277 e p. 122-123, respectivamente)

<sup>264</sup> algum mais;] alguns mais; – em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

<sup>265</sup> adiante.] adiante – em SEM.

<sup>266</sup> cena,] cena – em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

<sup>267</sup> Província] província – em REF, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

<sup>268</sup> representa] representam – em MASA.

<sup>269</sup> comédia,] comédia – em CLJ1937, em OCA2008 e em MASA.

<sup>270</sup> intercalado] intercalados – em SEM, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA. Sobre a “adverbialização de adjetivos”, diz Evanildo Bechara (2009, p. 294-295): “O critério formal de diferenciação das duas classes de modificador (adjetivo: modificador nominal; advérbio: modificador verbal) é a variabilidade do primeiro e a invariabilidade do segundo [...]” A proximidade com “ver” sugere o entendimento de que “intercalado” modifica o verbo.

<sup>271</sup> língua francesa.] Língua Francesa. – em CCPT1964.

<sup>272</sup> Divergência digo,] Divergência, digo – em MASA.

porque, se alguns caem naqueles defeitos por ignorância ou preguiça, outros há que os adotam por princípio, ou antes por uma exageração de princípio.

Não há dúvida que as línguas se aumentam e alteram com o tempo e as necessidades dos usos e costumes. Querer que a nossa pare no século de quinhentos<sup>273</sup> é um erro igual ao de afirmar que a sua transplantação para América<sup>274</sup> não lhe inseriu riquezas novas. A este respeito a influência do povo é decisiva. Há portanto certos modos de dizer,<sup>275</sup> locuções novas, que de força entram no domínio do estilo e ganham direito<sup>276</sup> de cidade.

Mas se isto<sup>277</sup> é um facto<sup>278</sup> incontestável, e<sup>279</sup> se é verdadeiro o princípio que dele se deduz, não me parece aceitável a opinião que admite todas as alterações da linguagem, ainda aquelas<sup>280</sup> que destroem as leis da sintaxe e a essencial pureza<sup>281</sup> do idioma. A influência popular tem um limite; e o escritor não está obrigado a receber e dar curso a tudo o que o abuso, o capricho e a moda inventam e fazem correr. Pelo contrário, ele exerce também uma grande parte de influência a este respeito, depurando a linguagem do povo e aperfeiçoando-lhe a razão.<sup>282</sup>

Feitas as exceções devidas<sup>283</sup> não se leem muito os clássicos no Brasil. Entre as exceções poderia eu citar até alguns escritores,<sup>284</sup> cuja opinião é diversa da minha neste

---

<sup>273</sup> quinhentos] quinhentos, – em REF, em CMA, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964 e em OCA1994.

<sup>274</sup> América] a América – em REF, em SEM, em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA. Gladstone Chaves de Melo (1972, p. 28), a propósito do pouco uso do artigo definido na obra de José de Alencar, escreveu: “Justifica-se [Alencar] da parcimônia no emprego do artigo, lembrando que o latim não possuía tal determinante, e alegando em seu favor o uso clássico e a eufonia.” Eis um exemplo análogo ao presente caso (machadiano), em José de Alencar (1960, v. IV, p. 960-961): “Os americanos do Norte desde muito já se emanciparam da tutela literária da Inglaterra. Chegará a vez da raça espanhola e brasileira. / Quando em vez de dez milhões, em que se conta um leitor por mil analfabetos, tivermos para nossos livros a circulação *que dá Estados Unidos* aos seus, nenhum escritor brasileiro se preocupará mais com a opinião que dele formarão em Portugal.” (grifo nosso) Nas “Notas de leitura de Machado de Assis”, que Mário de Alencar publicou na *Revista da Academia Brasileira de Letras*, v. 2, p. 91-97, jan. 1911, em que Machado de Assis anotava seus “achados” nos autores clássicos da língua portuguesa, há esta indicação sob o nome de José de Alencar: “Nome com e sem artigo (Id. id. 44 [O *gaúcho*, v. II p. 44] *passim*).”

<sup>275</sup> Há portanto certos modos de dizer,] Há, portanto, certos modos de dizer – em REF e em CMA; Há, portanto, certos modos de dizer, – em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

<sup>276</sup> ganham direito] ganham de direito – em NM (1879).

<sup>277</sup> isto] isso – em MASA.

<sup>278</sup> facto] fato – em CMA, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

<sup>279</sup> e] e, – em MASA.

<sup>280</sup> aquelas] aqueles – em NM (1879).

<sup>281</sup> essencial pureza] essencial da pureza – em NM (1879).

<sup>282</sup> Observe-se que, nesta passagem, Machado de Assis se manifesta sobre o papel do escritor na legitimação das criações linguísticas do povo.

<sup>283</sup> devidas] devidas, – em SEM, em CLJ1937 e em MASA.

<sup>284</sup> escritores,] escritores – em REF, em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

ponto, mas que sabem perfeitamente os clássicos.<sup>285</sup> Em geral, porém, não se leem, o que é um mal. Escrever como AZURARA ou FERNÃO MENDES<sup>286</sup> seria hoje um anacronismo insuportável. Cada tempo tem o seu estilo. Mas estudar-lhes as formas mais apuradas<sup>287</sup> da linguagem, desentranhar deles mil riquezas que, à força de velhas,<sup>288</sup> se fazem novas,<sup>289</sup> – não me parece que se deva desprezar. Nem tudo tinham os antigos, nem tudo temos<sup>290</sup> os modernos; com os haveres de uns e outros é que se enriquece o pecúlio comum.

Outra cousa<sup>291</sup> de que eu quisera persuadir a mocidade é que a precipitação não lhe afiança muita vida aos seus escritos. Há um prurido de escrever muito e depressa;<sup>292</sup> tira-se disso glória, e não posso negar que é caminho de aplausos. Há intenção de igualar<sup>293</sup> as criações do espírito com as da matéria, como se elas não fossem neste caso inconciliáveis. Faça muito embora um homem a volta do<sup>294</sup> mundo em oitenta dias;<sup>295</sup> para uma obra-prima do espírito são precisos alguns<sup>296</sup> mais.

Aqui termino esta notícia. Viva imaginação, delicadeza e força de sentimento,<sup>297</sup> graças de estilo, dotes de observação e análise, ausência às vezes de gosto, carência<sup>298</sup> às vezes de reflexão e pausa, língua nem sempre pura, nem sempre copiosa, muita cor

---

<sup>285</sup> Entre os escritores contemporâneos de Machado de Assis, José de Alencar pode ser apontado como um dos que sabiam “perfeitamente os clássicos.” Gladstone Chaves de Melo (1972, p. 28) observa: “É importante notar que o grande romântico [Alencar] teve o cuidado de se defender das acusações [que lhe faziam os críticos] com o uso clássico e não com o uso popular brasileiro [...]” Nas “Notas de leitura de Machado de Assis”, já referidas na nota 274, em que Machado de Assis registrava as “preciosidades” que encontrava nos clássicos da língua portuguesa, além de José de Alencar, há um outro autor brasileiro: João Francisco Lisboa.

<sup>286</sup> Gomes Eanes de Azurara (c. 1410 – c. 1474): cronista e historiador português; Fernão Mendes Pinto (1510?-1583), escritor português, autor da *Peregrinação*, publicada em Lisboa, em 1614.

<sup>287</sup> apuradas] apurada – em NM (1873).

<sup>288</sup> mil riquezas que, à força de velhas,] mil riquezas, que, à força de velhas – em REF, em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

<sup>289</sup> novas,] novas – em OCA2008 e em MASA.

<sup>290</sup> temos] têm – em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

<sup>291</sup> cousa] coisa – em CLJ1953, em OCA1959, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

<sup>292</sup> depressa;] depressa: – em SEM. Esse é um preceito que acompanhou o autor por muito tempo. Em carta a Carlos Magalhães de Azeredo, datada de 21 de julho de 1897, Machado de Assis (1969, p. 121) escreveria: “Estamos [você e eu] longe daquela pressa de outros, que apenas acabam de esboçar, logo passam ao prelo. Só resiste ao tempo o que se faz com ele.”

<sup>293</sup> igualar] agualar – em SEM.

<sup>294</sup> do] ao – em OCA2008.

<sup>295</sup> O romance *Le tour du monde en quatre-vingts jours* foi publicado em folhetim, em *Les Temps*, em 1872, e em livro em 1873; tratava-se, portanto, de uma novidade literária.

<sup>296</sup> são precisos alguns] são precisos alguns – em SEM; não precisos alguns – em OCA1994.

<sup>297</sup> sentimento,] sentimentos, – em REF, em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

<sup>298</sup> carência] carências – em REF, em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

local, eis aqui por alto os defeitos e as excelências da atual literatura brasileira,<sup>299</sup> que há dado bastante e tem certíssimo futuro.

MACHADO DE ASSIS

### Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

CCPT1964 – *Crônica, crítica, poesia, teatro*, rev. Massaud Moisés, 1964.

CLJ1937 – *Crítica literária*, 1937.

CLJ1953 – *Crítica literária*, 1953.

CMA – *Crítica*, edição Mário de Alencar, 1910.

MASA – *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*, 2013.

NM – *O Novo Mundo*.<sup>300</sup>

OCA1959 – *Obra completa*, 1959.

OCA1994 – *Obra completa*, 1994.

OCA2008 – *Obra completa*, 2008.

REF – *A Reforma*.

SEM – *A Semana*.

### Referências

ALENCAR, José de. Questão filológica. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1960. v. IV. p. 939-961.

ALENCAR, José de. *Teatro completo*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, 1977. 2v.

ALI, M. Said. *Dificuldades da língua portuguesa*. Estudos e observações. 5. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957.

ASSIS, Machado de. Ideal do crítico. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 8 out. 1865. [Não disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional]

ASSIS, Machado de. Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de Nacionalidade. *O Novo Mundo*: periódico ilustrado do progresso da idade, New York, v. III, n. 30, p. 107-108, 24 mar. 1873. Disponível em: <<https://url.gratis/w4wY4>>.

ASSIS, Machado de. Literatura brasileira. Instinto de Nacionalidade. *A Reforma*, Rio de Janeiro, ano V, n. 203, p. 2-3, 5 set. 1873. Disponível em: <<https://url.gratis/6fqzZ>>.

ASSIS, Machado de. *Americanas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1875.

<sup>299</sup> literatura brasileira,] Literatura Brasileira, – em CCPT1964.

<sup>300</sup> O ensaio “Notícia da atual literatura brasileira – Instinto de nacionalidade” foi publicado duas vezes neste periódico: daí o acréscimo, entre parênteses, adiante da abreviatura – NM –, das datas (1873) e (1879) – para indicar com precisão a localização das variantes do texto.

ASSIS, Machado de. A nova geração. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, t. II, p. 373-413, dez. 1879.

ASSIS, Machado de. Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de Nacionalidade. *A Semana*, Rio de Janeiro, ano III, v. III, n. 142, p. 298-299, 17 set. 1887. Disponível em: <<https://url.gratis/ArAew>>.

ASSIS, Machado de. Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de Nacionalidade. *A Semana*, Rio de Janeiro, ano III, v. III, n. 143, p. 310, 24 set. 1887. Disponível em: <<https://url.gratis/MIVBH>>.

ASSIS, Machado de. Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade. *A Semana*, Rio de Janeiro, ano III, v. III, n. 144, p. 116-117, 1 out. 1887. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=383422&pagfis=1159>>.

ASSIS, Machado de. Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de Nacionalidade. *O Novo Mundo*, New York, v. IX, n. 100, p. 90-91, abr. 1879. Disponível em: <<https://url.gratis/fv3fn>>.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.

ASSIS, Machado de. *Crítica* (Coleção feita por Mário de Alencar). Rio de Janeiro: Garnier, 1910.

ASSIS, Machado de. Notas de leitura de Machado de Assis, Rio de Janeiro, *Revista da Academia Brasileira de Letras*, v. 2, p. 91-97, jan. 1911. [publicadas por Mário de Alencar]

ASSIS, Machado de. *Machado de Assis*. Dir. Laudelino Freire. Rio de Janeiro: Revista de Língua Portuguesa, jan. 1921. [Estante Clássica da Revista de Língua Portuguesa, v. II.]

ASSIS, Machado de. *Crítica literária*. Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre: W. M. Jackson Inc., 1937.

ASSIS, Machado de. *Crítica literária*. Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre: W. M. Jackson Inc., 1953.

ASSIS, Machado de. *Crônicas, crítica, poesia, teatro*. Organização, introdução, revisão de texto e notas de Massaud Moisés. São Paulo: Cultrix, 1964.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgillo. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ASSIS, Machado de. *Obra completa, em quatro volumes*. LEITE, Aloizio; CECILIO, Ana Lima; JAHN, Heloisa (Org.). 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. 4 v.

ASSIS, Machado de. Instinto de nacionalidade. *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*. Orgs. Sílvia Maria Azevedo, Adriana Dusilek e Daniela Mantarro Callipo. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 429-441.

ASSIS, Machado de. A nova geração. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 2, n. 4, p. 39-81, jul.-dez. 2019.

BANDEIRA, Manuel. Ver DIAS, 1944.

BANDEIRA, Manuel. A vida e a obra do poeta. In: DIAS, Gonçalves. *Poesia completa e prosa escolhida*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959. p. 11-48.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BIOGRAFIA dos brasileiros ilustres pelas ciências, letras, armas e virtudes. José Basílio da Gama. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*, Rio de Janeiro, t. I, n. 1, p. 117-119, 1º trimestre de 1839.

BLAKE, Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898. v. IV. [Edição fac-similar do Conselho Federal de Cultura, 1970.]

BLUTEAU, Raphael. Vocabulário português e latino. Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/en/dicionario/edicao/1>>.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

CORREIA, Hilário. Prefácio. In: HUGO, Victor. *Nossa Senhora de Paris*. São Paulo: Editora das Américas, 1957. t. I, p. 9-28.

COUTINHO, Afrânio. *A tradição afortunada* (O espírito de nacionalidade na crítica brasileira). Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

CRESPO, Antônio Cândido Gonçalves. *Miniaturas*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1871.

DIAS, Gonçalves. *Últimos cantos*. Rio de Janeiro: Tipografia de F. de Paula Brito, 1851.

DIAS, Gonçalves. *Os timbiras*: poema americano. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1857. Disponível em: <<https://url.gratis/jGg7s>>.

DIAS, Gonçalves. *Dicionário da língua tupi chamada língua geral dos indígenas do Brasil*. Lípsia [Leipzig]: F. A. Brockhaus, 1858.

DIAS, Gonçalves. Brasil e Oceania. Memória apresentada ao Instituto Histórico, Geográfico, e Etnográfico Brasileiro e lida na augusta presença de Sua Majestade Imperial por A. Gonçalves Dias. *Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geográfico, e Etnográfico do Brasil*, Rio de Janeiro, tomo XXX, parte segunda, terceiro trimestre, p. 5-192, e quarto semestre, p. 257-296, 1867.

DIAS, Gonçalves. *Brasil e Oceania*. Memória apresentada no I. H. e Geográfico Brasileiro. São Luís do Maranhão: s.e., 1869. [Obras póstumas de A. Gonçalves Dias, precedida de uma notícia da sua vida e obras pelo dr. Antônio Henriques Leal, v. VI.]

DIAS, Gonçalves. *Obras poéticas de A. Gonçalves Dias*. Organização, apuração do texto cronologia e notas por Manuel Bandeira. São Paulo: Nacional, 1944. 2t.

ÉTIENNE, Louis. La critique contemporaine en Angleterre: II. David Masson. *Revue des Deux Mondes*, Paris, v. 64, n. 4, p. 901-926, 15 août 1866.

FARIA, João Roberto. *José de Alencar e o teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

FARIA, João Roberto. *O teatro realista no Brasil: 1855-1865*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Linguagem e estilo de Machado de Assis, Eça de Queirós e Simões Lopes Neto*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007.

FREIRE, Laudelino. Anotações. In: ASSIS, 1921, p. 157-181.

GUIMARÃES, Bernardo. *Poesias completas de Bernardo Guimarães*. Organização, introdução, cronologia e notas por Alphonsus de Guimaraens Filho. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1959.

GUIMARÃES JÚNIOR, Luís. Estudos literários. “Falenas, por Machado de Assis”. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, ano 53, n. 36, p. 2, 5 fev. 1870.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JUCÁ FILHO, Cândido. *Dicionário escolar das Dificuldades da Língua Portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.

LIMA, Israel Souza. *Bibliografia dos patronos: Fagundes Varela & França Júnior*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003.

LISBOA, João Francisco. *Jornal de Timon*. Maranhão: Tipografia Const. de I J. Ferreira, 1853.

LISBOA, João Francisco. *Obras de João Francisco Lisboa*, natural do Maranhão, precedidas de uma notícia biográfica pelo Dr. Antônio Henriques Leal. São Luís do Maranhão: s.n., 1864 – v. I, e 1865, v. II, v. III, v. IV.

LOBO, Francisco Rodrigues. *Pastorais e églogas*. Ensaio histórico-crítico, seleção, notas e índices remissivos por Mário Gonçalves Viana. Porto: Educação Nacional, 1942.

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. 2. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2021.

MACHADO FILHO, Aires da Mata. *Grande coleção da língua portuguesa*. São Paulo: Urupês, 1969. 5v.

MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. Os indígenas do Brasil perante a História. Memória oferecida ao Instituto Histórico e Geográfico do Brasil por D. J. G. de Magalhães. *Revista Trimensal do Instituto Histórico Geográfico Etnográfico do Brasil*, t. XXIII, p. 3-66, primeiro trimestre, 1860.

MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. Os indígenas do Brasil perante a História. Memória oferecida ao Instituto Histórico Geográfico Etnográfico do Brasil em 1859. In: *Opúsculos históricos e literários*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1865. p. 155-237.

MASSA, Jean-Michel. *Machado de Assis tradutor*. Belo Horizonte: Crisálida, 2008.

MELO, Gladstone Chaves de. *Alencar e a “língua brasileira”*. 3. ed. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972.

MENESES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

MONTELLO, Josué. *Gonçalves Dias: ensaio biobibliográfico*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1942.

OLIVEIRA, Laura Nogueira. *Os índios bravos e o senhor Visconde: os indígenas brasileiros na obra de Francisco Adolfo de Varnhagen*. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 2000. [Dissertação de mestrado]

PINTO, Fernão Mendes. *Peregrinação [de Fernão Mendes Pinto] seguida das suas cartas*. Lisboa: Sociedade de Intercâmbio Cultural Luso-Brasileiro, 1952 (v. I) e 1953 (v. II). [Versão integral em Português moderno, por Adolfo Casais Monteiro.]

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. Apresentação. In: *Machado de Assis: poesia*. Rio de Janeiro: Agir, 1964, p. 5-13. [Nossos Clássicos]

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. Introdução. In: *Poesia parnasiana: antologia*. Introdução, seleção e notas de Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Melhoramentos, 1967. p. 11-33.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. A renovação parnasiana na poesia. In: COUTINHO, Afrânio. (Dir.) *A literatura no Brasil*. 3. ed. revista e atualizada. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. p. 91-149.

RIBEIRO, Santiago Nunes. Da nacionalidade da literatura brasileira. *Minerva brasiliense*, jornal de ciências, letras e artes, publicado por uma associação de literatos, Rio de Janeiro, n. 1, p. 7-23, 1º ago 1843.

*SEMANA Ilustrada*, Rio de Janeiro, ano III, n. 116, 1º mar. 1863. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=702951&pesq=cancan&pagfis=926>>.

*SEMANA Ilustrada*, Rio de Janeiro, ano VII, n. 359, 27 out. 1867. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/pdf/702951/per702951\\_1867\\_00359.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/702951/per702951_1867_00359.pdf)>.

SILVA, João Manuel Pereira da. *Parnaso brasileiro*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1853. t. I.

SOUSA, J. Galante de. *O teatro no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960. 2t.

SERRA SOBRINHO, Joaquim Maria. *Quadros*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1873.

SILVA, Antônio de Moraes. Epítome da gramática portuguesa. In: *Dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Lacerdina, 1813. t. I, p. I-XLVIII.

TEIXEIRA, Ivan. Bibliografia ilustrada de *O Urugway*. In: *Obras poética de Basílio da Gama*. Ensaio e edição crítica por Ivan Teixeira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996. p. 123-168.

TRINGALI, Dante. *Introdução à retórica* (A retórica como crítica literária). São Paulo: Duas Cidades, 1988.

VARELA, Luís Nicolau Fagundes. *Anchieta ou O evangelho na selva*. Rio de Janeiro: Livraria Imperial de E. G. Possollo, 1875.

VARELA, Luís Nicolau Fagundes. *Poesias completas*. Introdução de Edgard Cavalheiro. Organização, revisão e notas de Frederico José da Silva Ramos. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1962.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Tomás Antônio Gonzaga. *Revista Trimensal de História e Geografia ou Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, segunda série, tomo quinto, n. 13, p. 120-136, 1849.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Tomás Antônio Gonzaga. Aditamento. *Revista Trimensal de História e Geografia ou Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, segunda série, tomo XIII, 3º trimestre, p. 405, 1850.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Tomás Antônio Gonzaga. 2º aditamento. *Revista Trimensal de História e Geografia ou Jornal do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil*, Rio de Janeiro, B. L. Garnier, tomo XXX, parte segunda, 4º trimestre, p. 425-426, 1867.

VIANA, Mário Gonçalves. Ver LOBO, 1942.

VOCABULÁRIO onomástico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009.

### **Endereços eletrônicos**

<https://www.academia.org.br/academicos/araujo-porto-alegre>

<https://aulete.com.br/>

<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=224588&pesq=tacito&pagfis=584>